

DR. INÁCIO FERREIRA



**PSIQUIATRIA
EM FACE DA
REENCARNAÇÃO**

Edições
FEESP

Federação Espírita do Estado de São Paulo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Ferreira, Inácio (1904-1988).

Dr. Inácio Ferreira

O Dr. Inácio Ferreira foi médico e escritor, exerceu o cargo de diretor clínico do sanatório Espírita de Uberaba (MG) desde a sua inauguração em 31 de dezembro de 1933.

Através de suas pesquisas nos casos neuropsíquicos, relacionados com os enfermos no sanatório, ele introduziu a terapia espírita, um tratamento complementar às doenças nervosas e mentais.

O seu trabalho obteve excelente resultado nos chamados casos de loucura sem lesão cerebral e doenças mentais provocadas por interferências de entidades espirituais.

Obras editadas resultantes de suas pesquisas nesse campo:

Novos rumos à medicina volume I

Novos rumos à medicina volume II

O Dr. Inácio Ferreira desencarnou em 27 de setembro, na cidade de Uberaba com 84 anos de idade.

Psiquiatria em
face da
Reencarnação

À
M. Alves de Lima.

Com admiração,
O autor.

INDÍCE

Prefácio-----	7
O lar-----	9
Motivos deste livro-----	11
Reconhecimento histórico e científico-----	15
Exemplos Espíritos que se reencarnam no mesmo lar, com objetivo de se Reconciliarem-----	21
Reminiscência do Espírito – Um casal atribulado-----	26
Angústia de mãe-----	33
Alcoolismo-----	40
Conseqüências do passado-----	44
Um lar desfeito-----	48
Filho que detesta os pais-----	51
Um lar feliz-----	58
Recalques do passado-----	68
Expição-----	74
O filho repudiado-----	81
Soerguimento de um médico-----	89
Nascer, morrer e renascer-----	98
Vigilância com os vossos lares-----	100

Prefácio

Conheci o Dr. Inácio Ferreira em 1938, quando eu era ainda estudante de medicina e ele já organizara o sanatório espírita de Uberaba, auxiliado pela notável médium D. Maria Modesto Cravo. Tive a felicidade de ficar hospedado na casa desta e acompanhar de perto suas capacidades mediúnicas. Eram excelente médium receitista, passando horas, todos os dias psicografando dezenas de dezenas de receitas do Dr Bezerra de Menezes, muitas delas enviadas pelo correio para vários estados. Junto às receitas, seguiam orientações e às vezes, diagnósticos, dentro da terminologia médica cuja exatidão pude comprovar algumas vezes.

Além de receitista D. Modesta, como a chamávamos, era médium de incorporação (psicofônica e psicográfica) e tinha excelente vidência. Dialogava com espíritos cultos como Bezerra e Pierre Janet (psicólogo francês) com a naturalidade de quem conversa com encarnados.

Foi essa médium que possibilitou ao Dr Inácio fazer as primeiras doutrinações e curas no sanatório espírita de Uberaba. Em pouco tempo esse ficou famoso e a ele acorriam doentes do Triângulo Mineiro e estados vizinhos. Foi um dos pioneiros na América latina a tratar obsessões.

Dr. Inácio Ferreira, espírito arguto e bom observador, foi selecionando casos interessantes, publicou, ainda na década de 40, seu livro “Novos rumos à medicina” em dois volumes.

A seguir, “*Espiritismo e medicina*” e a “*Psiquiatria em face da Reencarnação*” que a Federação Espírita do estado de São Paulo reedita.

Apesar da sua vasta experiência e longo contato com casos de obsessões o Dr. Inácio não é fanático. Ouvi dele, em 43, uma afirmação que provavelmente vai contrariar a teimosia dos espíritas fanáticos que vêm obsessão em toda parte. Dizia ele que mais de metade dos pacientes encaminhados ao sanatório como obsidiados, nada mais eram do que portadores de doenças orgânicas ou funcionais, mas do âmbito médico.

Jornalista vibrante, publicou artigos em alguns jornais espíritas, principalmente na “*Flama Espírita*” órgão da mocidade espírita de Uberaba. Nesse periódico manteve durante longo tempo (década de 40) uma encarnizada polêmica com o clero de Uberaba, que atacava violentamente o centro espírita, a mocidade e o sanatório. Nessa época ser espírita era sinal de loucura. Mas ter um sanatório para tratar de doenças mentais, era a suprema ousadia.

O livro que estamos prefaciando é muito interessante, pelos casos que apresenta, sendo agradável de ler. A linguagem é de pessoa entusiasmada pelo que defende, pelo que expõe, de tal forma que amiúde, descamba para tiradas excessivamente emotivas ou até mesmo gongóricas.

Na época em que foi escrito, esse estilo era muito usado.
Vejam-se os livros mediúnicos de Zilda Gama e outros dessa fase.

Os casos apresentados, embora não acompanhados cientificamente como tem feito o Dr Hernani Guimarães de Andrade possui um cunho de grande autenticidade, principalmente pelos convincentes resultados obtidos com o tratamento espírita.

Ary Lex

O LAR

O lar não é somente o santuário de alvenaria, onde reconfortas o corpo; é, também, o reino das almas, onde o teu coração reclama a benção da paz e a alegria do viver. É o templo em cujo altar vivo, o senhor nos situa o Espírito para o aprendizado na escola humana.

Aprende a servir dentro dele, afim de que possas representar dignamente o teu papel que te cabe no mundo.

Semeia, aí dentro, no recinto abençoado que te viu crescer, a bondade e o entendimento.

Quando não fores compreendido por aqueles que te cercam, nos laços da consangüinidade, cultiva o auxilio silencioso, a benefício dos que te rodeiam.

Em casa quase sempre alinham-se a nós os amores mais santos, construindo o paraíso mais doce, e prendem-se ao nosso temporário destino na Terra as aversões mais profundas, em terríveis tempestades de sentimento.

Sob o véu misericordioso da reencarnação, amigos e adversários aí se congregam, disputando o premio do aprimoramento espiritual.

Em razão disso é possível sofras no campo familiar os tormentos mais rudes; entretanto não te desesperes nem te desanimes.

Ilhado pelas incompreensões, perdoa e ajuda sem descansar. Fustigado pela discórdia, não te confies à tristeza destruidora.

Regozija-te pela possibilidade de recapitular pequenas experiências, lutando pela própria regeneração.

Se compulsoriamente a afastados daqueles que amas, em razão da rebeldia deles mesmos, ampara com as vibrações do pensamento amigo àqueles que te expulsam.

Um dia a luz brilhará sobre a mente crepuscular dos nossos companheiros infelizes, assim como o dia volta a raiar fim de cada noite.

Jamais te esqueças que o lar é uma bênção de Deus na Terra.

Não grites nem te revoltes dentro dele.

Não te entregues à crueldade ou ao desalento, entre as suas fronteiras de amor.

Lembras-te que a tua casa é sagrado refúgio do teu pão, do teu sonho e do teu estímulo ao trabalho santificante.

No lar temos o nosso mais valioso curso de abnegação e fraternidade e, quando praticarmos o ensinamento do amor puro, com quem nos partilha a mesa e se entrelaça conosco, através do calor do mesmo sangue, então estaremos inteiramente habilitados para seguir com Jesus no apostolado do bem à humanidade inteira.

NEIO LÚCIO

(Página recebida pelo médium F.C.Xavier,
na sessão pública na noite de 14-12-51, em Pedro Leopoldo)

MOTIVOS DESTE LIVRO

As criaturas humanas se aproximam entre si por afeições e simpatias espontâneas, advindo em poucos momentos, em um simples olhar, por vezes uma amizade simples e sincera como se fossem conhecidos de longos anos.

Assim como se apresentam essas aproximações que se transformam em uma *afeição mutua* que resiste a todos os empecilhos e todos os fatores de que lançam mãos para destruí-los, sem que jamais consigam abalar os laços afetivos que os ligam, também são bastante comuns essas antipatias instintivas, antipatias que se traduzem em ódios, inimizades, temor, desprezo, delas originando muitas vezes verdadeiras tragédias.

Uma ligeira apresentação, um simples olhar, por vezes, é o bastante para que uma *repulsa* tão violenta que nem sempre conseguimos dominar nossos gestos e palavras, exteriorizando-os acintosamente, a ponto de chamar a atenção dos circunstantes.

Existem lares onde os seus componentes, pais e filhos, esposas e irmãos, vivem sob o véu de uma amizade e de uma simpatia tão profundos, vivendo em um acordo tão absoluto, que despertam inveja aos que tem a ventura de acompanhar, de perto esse *modus vivendi* que exterioriza carinho, afeição, confiança e liberdade.

São criaturas que não conhecem barreiras em suas demonstrações de amizade e que dificilmente se magoam por causa dessas trivialidades comuns, desses ditos brejeiros que originam momentos de alegria e oportunidades para risos felizes.

Tudo corre às mil maravilhas, e o lar é um paraíso onde se respira a convivência só conhecida e sentida onde existe a perfeita comunhão de sentimentos.

Ao contrário, e em muito maior número existem os lares onde a *desconfiança*, a *mágoa* e o *ódio* imperam, parecendo que os seus componentes são criaturas inimigas e que não suportam a mínima injunção à vida particular de cada um.

O menor gesto, o menor olhar, a mais simples exteriorização se converte em mecha a incendiar o rastilho para a explosão que atinge a todos, dispersando os estilhaços da maldade, das injunções dos vitupérios, provocando verdadeiras tragédias que só servem para manter e estimular, ainda mais essa repulsa mútua e esse ódio incontido

Lares em que os filhos guardam ressentimentos dos pais, que por sua vez não toleram as mínimas faltas dos seus rebentos, substituindo os conselhos sãos e criteriosos pelas palavras ásperas, quando não pelos castigos físicos demonstrando rancor, ódio mesmo.

Irmãos que não se toleram; esposas que convivem no mesmo teto por necessidades impostas pelas obrigações sociais, mas separados intimamente, dominados por verdadeiras repulsas, tão fortes, por vezes, que saem do âmbito familiar para repercutirem no seio da própria sociedade.

São as tragédias surdas que reboam nas alcovas sempre umedecidas pelas lágrimas que ninguém percebe, mas que os corações sentem, pois nada mais representam do que verdadeiras partículas de uma ilusão que se desfaz em gotas.

São esses infortúnios que assolam os lares transformados em redutos de lágrimas e sofrimentos, sofrimentos e mágoas, recalcados no coração, privando-os das bases em que se apóiam a felicidade, as ilusões e as esperanças... Ilusões que revestem as quadras negras da vida e esperanças que alimentam o almejo para dias melhores!

São essas tragédias traidoras que enlutam milhões de lares, neles sepultando a alegria de viver, a disposição para o trabalho, impedindo o descanso, o repouso e a tranqüilidade.

Seus efeitos se fazem sentir cá fora, no redemoinho da coletividade, enchendo de lamúrias os consultórios médicos, abarrotando os hospícios e dando causas às investigações científicas que se processam, continuamente, dando como resultados doenças novas que vem aumentar, ainda mais a conclusão dos quadros das doenças neuropáticas .

Tratados e mais tratados estão aí às centenas, pintando com cores negras o sistema da vida social, mostrando a vertiginosidade da vida, apontando os abismos dos vícios refinados, culpando a desorganização da sociedade, a descrença nas religiões, o nível elevado dos gastos, as dificuldades da vida.

Henri Claude – Com a enquete sobre a “*Repercussão neuropsíquica da inquietação social e psicopatias emocionais*”.

H. Sivodou – Com a “*Eflorescência mental*” em relação aos acontecimentos da atualidade.

Dupouy & Leconte – Com o “*Estado delirante ansioso*” motivados pelos acontecimentos sociais atuais.

Gerard – Com “*Atualidades e psicoses*”.

Toulouse – Com os “*Conflitos sociais e adaptação mental*”.

J. Vié – Com a “*Resistência psíquica e as dificuldades da vida*”.

Enfim, algumas centenas de obras formidáveis, girando em torno do mesmo assunto, acontecimentos sociais e suas relações com as psicoses, acontecimentos diários que esgotam as resistências da criatura humana colocada em meio dessa agitação que se torna, dia-a-dia, maior, requerendo, esforços inauditos e um trabalho mental contínuo para o estabelecimento de um equilíbrio relativo para o próprio sustento. Em parte estão com a verdade, pois existem *as psicoses emocionais e de fadiga*, que explodem com intensidade após essas catástrofes circunscritas ou generalizadas.

As conclusões, todavia, deixam muito a desejar, pois a causa primordial, por eles ainda desconhecida, contínua, na sua faina de destruição, deslizando por centenas de lares, provocando com a sua invisibilidade, efeitos tremendos que não encontram auxílio capaz de lhes atenuar ou impedir os estragos.

Sim, as conclusões obtidas, apesar de serem inúmeras, ainda estão muito aquém da verdadeira realidade, pois são incapazes de explicar fatos que se sucedem, continuamente, a demonstrarem a fragilidade dos conceitos emitidos para a explicação de suas existências.

A todo momento, a todo instante, os acontecimentos decorrentes dessas não-afinidades vêm, por si mesmo, demonstrar a irrealidade e deficiência desses tratados que julgam enfeixar nas suas páginas o produto de longas observações e estudos.

Sim, deficiência, pois que a causa primordial, a base fundamental para esses estudos, ainda continua sendo desprezada pela ciência oficial – A ***Reencarnação***. Ela encerra em si mesmo, essas explicações para todas essas inquietações da ciência que vê, presencia, estuda, investiga e não encontra uma causa essencial, para qual possa concentrar uma percentagem relativa, capaz de satisfazer o seu anseio e desejo de progresso em minorar

o sofrimento humano e amparar a tranqüilidade dos lares, cujos componentes a ela recorrem como tábua de salvação!

Incapaz de amparar esses sofrimentos, deixa-se arrastar também no torvelinho dos desesperos quando tem, nesse termo – **Reencarnação** – A chave que precisa para abrir de par em par as portas do sacrário, onde estão depositados o livro dos destinos humanos.

Repetimos 70% das tragédias humanas, mormente essas angústias, esses desesperos e essas afinidades que separam ou aproximam as criaturas humanas entre si, somente podem ser explicados com a *Reencarnação*, isto é, com a volta do Espírito ao corpo, na continuação das vidas materiais, para reencetar a sua marcha nesse aprendizado que é a existência terrena.

As criaturas humanas se *atraem ou se repelem*, instintivamente, momentaneamente, por que em existências passadas, ou foram muito amigas, ou entre elas se deram acontecimentos de tal gravidade que sua lembrança está gravada no Perispírito e de tal maneira que ele se ressentem com a aproximação do inimigo.

Daí que, por determinações Divinas, espíritos amigos e inimigos se reencarnam em uma mesma família para estreitarem mais ainda, entre si os laços de uma afeição sincera para finalidades só conhecidas, por vezes por essa *Força Superior, Inteligente e Divina*; os segundos obrigados a conviver sob o mesmo teto, aproximados pelos laços consangüíneos, a fim de melhorarem seus sentimentos e dar guarida ao perdão contra ressentimentos ou causas várias que os haviam separados em existências anteriores.

Quando se esforçam para modificar seus sentimentos maus, aos poucos se aproximam entre si mesmos, aprendendo a ser humildes e boas, despojando-se de projetos de maldade e vingança, dois grandes fatores a impedir a finalidade do espírito – A **Evolução**.

Nascer, viver, renascer ainda – Eis em que consiste a Reencarnação, única teoria capaz de explicar a vida e o destino.

É o princípio aceito e ensinado pelo Espiritismo e a única chave possível para abrir o entendimento da psiquiatria e da psicologia, a fim de livrá-las das teorias infundadas que tem transformado o seu progresso, transformando-as na parte mais fraca e incompreensível dos ramos da medicina.

RECONHECIMENTO HISTÓRICO E CIENTÍFICO

O princípio da *reencarnação* – Representa a bússola que há de guiar a psiquiatria e a psicologia pelo mar tormentoso da dúvida, encaminhando o seu barco para o porto seguro do entendimento.

As procelas do orgulho e os vendavais da materialidade quais furações constantes, tem impedido o amainar das ondas que constantemente fustigam o barco do raciocínio e da razão, impedindo que o leme se conserve firme em direção ao farol radioso da *verdade*.

Sim, orgulho e a materialidade anuviam a razão e o raciocínio, pois o princípio da Reencarnação, além de ser o mais lógico, justo e consolador para o amparo da humanidade, ainda não tem sido elevado ao lugar que lhe compete, apesar de ser o princípio mais velho existente. Os povos antigos nele se baseavam. Os filósofos de todos os tempos ensinaram. A própria ciência e a própria religião de todos os povos e tempos nele tem tido a chave para a explicação de tudo aquilo que procuram relegar para os mistérios ou para os fatos sem explicação.

Os *incas* admitiam a existência de dois seres em um só: Um de carne, pesado, propenso à fadiga e à dor; o outro, semelhante ao carnal em suas formas, mas que não se fatigava, não sofria e se transportava – Era a Alma, e essa seria a sua vida definitiva.

Os *Egípcios* há mais de 4.000 anos, com os ensinamentos de Hermes Trimegistro, ainda vívidos em nossos dias, atestam essa verdade, através da história e dos monumentos que nos legaram, mormente com suas múmias que procuram conservar á espera do seu nascimento.

O grande valor dos objetos deixados nos sepulcros – Colares de ouro, pedras preciosas, abundantes provisões, armas primorosas, atesta a crença da necessidade de uma vida ativa além túmulo.

Os *Persas* com sua religião, o Mazdeísmo, aprenderam e aceitaram a redenção final de todas as criaturas, após as provas sucessivas.

Os *Druidas* e os *Gauleses*, com a certeza de achar algures, um corpo moço e forte para continuar a vida que lhes era imposta, não fugiam ante nenhum obstáculo que os ameaçasse com a morte, devendo a essa certeza seus maiores atos de bravura.

Os filósofos de todas as épocas, cujas palavras e lições sábias nunca puderam ser cobertas pelo limo do tempo, afirmaram e ensinaram a *Reencarnação*.

Pitágoras, devido às suas viagens ao Egito, ficou conhecendo esses ensinamentos e os introduziu na Grécia, transmitindo aos iniciados o conhecimento da *Reencarnação* ascensional, e ao povo, devido à sua pouca compreensão, a mesma coisa, porém com regressão às formas inferiores, donde o erro da *Metempsicose*.

Timeu de Locres, seu discípulo, arraigou ainda mais, no espírito do povo, a transformação das almas, fazendo-lhes crer que passavam dos homens para as mulheres, naquele tempo expostas ao desprezo e à injúria; dos assassinos, para os animais ferozes, dos impudicos para os porcos; dos preguiçosos para os loucos; dos ignorantes para os animais aquáticos.

Heródoto, aceitando também, os ensinamentos dos Egípcios, os espalhou na Grécia, desvirtuando-os com a regressão por penalidade.

Aristófanes e *Sófocles*, Sob a denominação de *As esperanças da morte* ensinavam, além das existências sucessivas das almas, a unidade de Deus e a Pluralidade dos mundos.

Sócrates, *Apolônio de Thyana*, *Empedocles*, *Platão*, também acreditava na Reencarnação dizendo este último: “*Aprender é recordar*”, baseando-se, assim na reminiscência.

Ensinava, também que a alma, desembaraçada suas imperfeições e envolta na virtude Divina, torna-se de certo modo santa e não volta á Terra; mas, para isso, ficavam mil anos no *Hades* e quando tivesse que voltar bebia a água do *Lethes*, que lhes faziam esquecer as lembranças de suas existências passadas.

A tradição Egípcia atestada por Platão, considerava a Atlântida a sede primitiva da raça vermelha, do qual os índios da America do Sul e do Norte representados pelos Aztecas, foram os senhores do México e do Peru.

Crêem na imortalidade da alma como acreditam firmemente que na morte, as almas que vivem virtuosamente vão para além das altas montanhas, onde se encontrarão com as almas dos avós.

Admitem a alma do povo errando pelos cemitérios ou junto das habitações, e que a alma das crianças vêm à noite chorar em volta das tendas...

Têm visões, convencidos de que são parentes e amigos mortos que os visitam para os confortarem, ou fazer exprobações aos ingratos ou maus.

Convictos que os *seus maiores voltam a viver e que as almas dos que morrem entram nos corpos dos que nascem.*

Também, as diversas religiões guardam, nas páginas dos seus livros sagrados, os ensinamentos sobre a Reencarnação, ensinamentos que atravessam gerações e nem mesmo o tempo conseguiu destruir-lhes a base, apesar dos choques e lutas, perseguições e cataclismos da natureza e mesmo os cataclismos dos homens, atestados pelas traduções adulteradas e pelas inovações interesseiras!

Quem ignora o Samsara – *Roda das Reencarnações*, teoria Budística mostrando aos seus crentes a necessidade de passar pelas provações materiais?

E *Vyasa*, o codificador do Branamismo?

Entre as inúmeras sementes que lançou, ainda vive latente aquela que há de germinar, um dia, para arrefecer as mágoas e desassossegos, cujas causas ignoram – *Florescer, crescer e amparar sob a suas sombra* milhões de peregrinos que reconhecerão as causas e os porquês impostos pela justiça sábia de um *Ser Inteligente*: -

“A Alma dorme na pedra, sonha no vegetal, move-se no animal e desperta no homem...”

Sim, e desperta, após toda essa fase evolutiva, para se engrandecer a si mesma, amparada pelo próprio esforço, trabalho e compreensão, em cujo âmago repercutem as lembranças e as ações que se exteriorizavam, cada vez mais puras, cada vez mais riosas.

E a *Bíblia*, apesar das adulterações de palavras, termos e mesmo frases? Mostra às centenas as passagens que refletem este ensinamento!

No seio da própria Igreja com seus dogmas e suas leis, todas elas em contraposição ao Reencarnacionismo, Clemente de Alexandria, Rufino,

Gerônimo, Orígenes, Montal, unânimes em reconhecer que, só pela lei da reencarnação, um cérebro mais evoluído poderia explicar muitas desigualdades e muitos acontecimentos entre as criaturas humanas!

E quantos pseudo Orígenes, quantos Clementes e quantos Rufinos ainda existem atualmente que não deixam de ensinar as suas invencionices, obscurecendo com elas a verdade – Que conhecem e aceitam – Somente por comodismo, somente para não perder o conforto proporcionado pelas vestes talares?

E os grandes escritores como Lamartine em “*Viagens ao oriente*”, afirmando a reencarnação devido às reminiscências que o assaltavam; Teófilo Gautier, Alexandre Dumas, Ponson Du Terrail, Walter Scott, e muitos outros confirmando e não divagando?

A *Divina comédia* não é um repositório de afirmações que o grande e imortal vate italiano espalhou com as luzes da sua inteligência e com a receptividade de seu espírito?

Os grandes luminares da humanidade, cujos livros ainda vivem jorrando a cristalina água, para amortecer a sede dos ávidos de saber, jamais deixaram de afirmar a verdade da *reencarnação*.

Goethe – Perfeitamente a par deste conhecimento, com as vidas sucessivas, escrevia à Wieland, a respeito de Frau Von Stein: -

“Só por meio da reencarnação, posso explicar a mim mesmo o poder e a influência que essa mulher exerce sobre mim.
Sim, em outro tempo fomos marido e mulher.”

Deixou transparecer a mesma crença em inúmeras outras passagens em cartas à própria Frau, Boissére, Falk, Eckermann.

Foi esta uma época áurea para a humanidade, época em que o homem olhava para as coisas do Espírito, época de altas realizações – Tão altas e tão sublimes que ainda pairam, nos tempos de hoje, muito acima de todas as realizações dos homens que não se cansa de admirar o que o tempo conserva e a terra lhes devolve, após estafantes pesquisas!

Mas até mesmo da paz e da tranqüilidade os homens se cansam, e o relógio do tempo continuando no seu giro constante e eterno, veio trazer as nuvens escuras da idade média, cobrindo os a humanidade com as brumas espessas da superstição, do fanatismo e da maldade... E entramos, assim, na época

dos cientistas, dos grandes homens cujos nomes perduram até nós, envenenando as inteligências com as suas concepções materialistas, completamente esquecidas do Espírito.

Matéria apenas matéria, apenas o visível e o palpável, para a demonstração da obra Divina, indiferente ao poder e às causas em que se apóia a existência desta mesma obra.

“Lamarque, com o “transformismo” e a geração espontânea”.

Claude Bernard – Com o “método experimental”

Spencer, Naegeli, Weismann, com seus Ideoplasmas, mícels, parígenas etc... Que não correspondem à realidade dos fatos, todos procurando passar do terreno das afirmações demonstráveis, terminando com Darwin, com seus princípios da hereditariedade, com a transmissão dos caracteres anatômicos e fisiológicos entre os parentes e os descendentes, teoria falha, incompleta e muito aquém do valor pretendido e ainda hoje aceito, trazendo como conseqüências, os livre pensadores como:

Augusto Comte – Na França, com o “Método positivo” e Louis Buchner, na Alemanha.

Pior ainda quando se trata de hereditariedade psicológica, a todo momento vendo os grades homens obscuros elevados às mais altas dignidades!

E é digno de ver como os cientistas, os sábios materialistas se perderam em um mar de conjecturas e teorias as mais desparatadas, para explicar porque um *Mozart* – Compunha apenas com oito anos de idade e tocava qualquer música aos quatro.

Beethoven – Descobria a geometria plana aos 12 anos.

Rembrandt - Desenhava como verdadeiro artista antes de aprender a ler.

Miguel Angelo - Era técnico perfeito aos oito anos.

Henecke – Sabia três línguas aos 12 anos.

Hamilton – Conhecia o hebraico e mais onze línguas aos 13 anos.

Ericson – Aos 12 anos tinha sob sua responsabilidade 600 homens como inspetor do canal marítimo de Sues.

Jaques Chrichton – O gênio monstruoso – Discutia em latim, grego, hebraico ou árabe aos 15 anos.

Essas coisas evidentemente foram adquiridas, em existências passadas. Idealismo, dizem alguns.

Cérebros férteis em imaginação dizem outros!

Tolices dizem os mais sábios e, no entanto, até para os mais sábios, as crianças-prodígios e os filhos destes próprios sábios vêm desmentir as leis da hereditariedade ou, pelo menos reduzi-las a expressão um pouco mais simples, tirando-lhes o caráter de generalidade.

Assim viveu a humanidade e continua vivendo sem se apoiar no Espírito.

Felizmente aos poucos, vêm chegando os tempos enunciados pelo Espiritismo, pois a própria ciência representada por núcleos de investigadores, vem trazendo à baila aquilo que os jornais descreviam e descrevem para despertar a atenção dos seus leitores, levando esses fatos para os recessos de seus laboratórios, fazendo-os passar pelo cadinho das suas análises, pesquisas e experiências.

Para que mais comentários.

Livros espíritas, obras de um valor incomensurável, aí estão, por toda parte, à espera de serem manuseados pelos de boa vontade.

É outro o nosso objetivo. Apresentar casos e observações que tivemos a oportunidade de acompanhar entre os internados do sanatório espírita de Uberaba, observações através das quais tivemos a oportunidade constante de avaliar a verdade dos ensinamentos espirituais que muito auxiliarão a ciência materialista, fazendo com que vislumbre tudo aquilo que persiste em ficar sem explicação.

EXEMPLOS:
**ESPÍRITOS QUE REENCARNAM NO MESMO LAR, COM O OBJETIVO
DE SE RECONCILIAREM.**

J.B . – Criança, ainda, com 12 anos de idade. No seio de família, composta de pais e irmãos, convive regularmente bem com todos, com exceção de seu pai, contra o qual era manifesta a sua repulsão.

Obediente, trabalhador, tudo para ele estava bom, mas bastava o pai chamar-lhe a atenção para qualquer falta ou ordenar-lhe fazer qualquer serviço, para que se revoltasse com tanta violência que, por quatro vezes, ficou completamente desvairado, sendo preciso interná-lo no sanatório.

De todas as vezes que foi internado, com o espaço de 8, 10 dias, ficava completamente bom.

A última vez que aqui estive, já restabelecido, aguardávamos uma pessoa da família para entregá-lo, quando chegou, ao sanatório, o seu genitor. Ao vê-lo operou-se no menino, uma mudança radical, denotando temor e receio num misto de ódio, e o vimos correr para o lado de um enfermeiro, exclamando:

“Não, não; pelo amor de Deus, com ele eu não vou!
Vocês não estão vendo a faca com que ele quer matar-me?!
Não, não, eu não vou com ele...”

O pai admirado, demonstrando mesmo afeição pelo filho, procurou agradá-lo e nos perguntou:

“Como será que ele adivinhou que eu estava com um punhal?”
E mostrando-nos um punhal que trazia na cintura, sem que ninguém o tivesse visto, devido a sua localização.

Também não deixamos de nos admirar de semelhante fato e, movido pela curiosidade, em nossos trabalhos costumeiros, tivemos a maravilhosa explicação dado por uma entidade amiga que conhecia todos esses fatos passados, dada a convivência espiritual com outra entidade que esteve no sanatório durante todo o tempo de internação do menino, entidade essa que havia sido pai do menino enfermo em uma existência anterior.

Resumimos mais ou menos, as suas palavras:

“De todas as vezes que esse menino esteve internado aqui no sanatório, notamos junto dele uma entidade que o seguia constantemente.

Apresentava-se como um senhor já de idade, alma simples, desses tipos de sertanejo afeito aos trabalhos do campo, resignado com a árdua tarefa de cada dia para o cumprimento de sua obrigação, sustentando uma família numerosa.

A princípio, julgamos tratar-se de um obsessor, porém, com o correr dos dias, nos convencemos do contrário, pois notávamos que procurava amparar o enfermo, inculcando-lhe bons conselhos e procurando dar-lhe coragem, humildade de resignação.

Deixamos que permanecesse junto da criança, e movidos pela curiosidade e mesmo por essa atração que todos nós sentimos – Encarnados e desencarnados – Por todos aqueles que denotam sofrimento e preocupação, procuramo-nos aproximar dele e pudemos assim ficar conhecendo as tragédias das vidas passadas, pois assim contou:

“Na minha última existência terrena fui pai desta criança.

Possuía um pequeno sítio em Caieté, onde, em companhia de numerosa família, dedicava-me aos serviços de lavoura, auxiliado pelos filhos, entre os quais esse menino, que naquela época contava 19 anos de idade.

Era trabalhador, disposto, porém um tanto turbulento, valente, sempre metido em brigas e discussões.

Confrontando com as minhas terras, morava um vizinho, um homem pacato, trabalhador, bom pai de família, como eu lutando pelo sustento da esposa e algumas filhas, uma das quais tornou-se logo namorada do rapaz.

O vizinho, porém não se conformou, proibindo terminantemente, a continuação desse namoro, dizendo mesmo que não permitiria o casamento de sua filha com um rapaz tão turbulento.

Por causa disso chegou a vender seu pequeno sítio e mudar-se para um lugar um pouco mais distante, e como o rapaz continuava persistindo em seus propósitos foi mesmo ameaçado – Ou deixasse a moça em paz ou encontraria, nas suas terras se nela penetrasse, alguém que lhe atravessasse o coração com um punhal.

No correr desses acontecimentos, o meu antigo vizinho perdeu a esposa e ainda não refeito por aquele choque, passou pelo desgosto de ver a sua filha fugir com o rapaz.

Desvairado, procurou-os algum tempo e os matou a punhaladas. Por proteção de fazendeiros e autoridades do local não foi preso e não respondeu a processo.

Alguns anos após, contraiu segundas núpcias, procurando uma companheira para auxiliá-lo a criar o resto dos filhos.

Essa segunda esposa ficou louca e uma noite o assassinou a machadadas, fugindo, logo em seguida e nunca sendo encontrada.

Agora é que sei que o rapaz que ele havia assassinado, como espírito consciente de seu estado, não podendo vingar-se diretamente do seu assassino, agiu sobre a esposa, obsediando-a e fazendo com que o matasse.

O rapaz, pouco depois desses acontecimentos, reencarnou-se. Foi soldado e também assassinado, por um companheiro, durante uma questão qualquer, ainda devido ao seu gênio turbulento.

Agora nessa terceira existência, veio encarnado com uma família composta por todos aqueles antigos personagens, pois o pai dele, atual foi o meu antigo vizinho que o assassinou.

Uma das irmãs atuais foi a antiga namorada com quem fugira e também assassinada pelo antigo pai, o mesmo da existência atual.

A mãe atual do menino, foi a segunda esposa do meu vizinho, a mesma que, influenciada pelo seu espírito, matou o antigo esposo o mesmo agora, nessa reencarnação.

Eu os acompanho sempre, procurando inculcar-lhes bons sentimentos, amparando e procurando evitar-lhes novas tragédias.”

Existirão outras causas para explicar os gestos de revolta e repulsa que essa criança manifesta contra o seu pai atual, seu antigo visinho e assassino?

O temor dessa filha contra o mesmo pai, que , em existência passada, fora o causador de sua infelicidade, embebendo-lhe o coração em um punhal?

A amizade e o atrativo que liga essa criança a uma das suas irmãs com quem fugira, um dia, aproximado por esse amor que liga duas almas?

Existirá outra coisa capaz de explicar a desconfiança e o temor que a mãe atual nutre pelo filho, presentindo nele o espírito mau e vingativo, que sobre ela agira, fazendo com que assassinasse o antigo esposo e com o qual vem agora reviver.

E o espírito desse pai, como viverá em sobressaltos, presentindo de um lado o filho e a filha que assassinara, e de outro a esposa que, louca, desvairada, lhe cortara, também o fio da sua existência?

Quanta beleza, quanto deslumbramento serão antevistos, quando a ciência dos homens resolver olhar através dos reposteiros do mundo invisível aos nossos olhos materiais!

Quanta explicação encontrará para firmar a diretriz dos ensinamentos e quantos fatores, até hoje ocultos, não vislumbrará através dos túmulos, fatores capazes de construir o arcabouço da verdadeira ciência futura, já não mais paralisada nos charcos das dúvidas, das incertezas e das concepções errôneas!

Existirá outra causa capaz de explicar a transformação, e as palavras, os gestos dessa criança, quando viu o genitor á sua frente?

Teorias e concepções existem muitas, porém, tão frágeis que não resistem ás aragens desta verdade sublime – *Reencarnação*.

Assassinado em uma existência anterior; guardando no seu psiquismo a lembrança anterior daquele instante supremo que a arma assassina cortava a sua vida material; conservando ainda no seu *Perispírito* aquela última centelha de dor, de ódio, de mágoa e de vingança que, qual marca de um

ferrete em brasa, se estampava em seu espírito, que manifesta, agora, em todo o seu esplendor, para confundir a sabedoria dos homens e apontar-lhe o verdadeiro caminho das perquirições, mostrando que os sentimentos sobrevivem ao corpo, á matéria, que se transforma.

Reencarnou-se tendo por pai o próprio assassino e por mãe a mesma que ele enlouqueceu, a fim de que ligados pelos laços consangüíneos e aproximados durante uma existência inteira, pudesse um como pai, velar pelo prolongamento de uma existência que outrora havia cortado estupidamente, e o outro, como filho, para que aprendesse a perdoar em retribuição aos trabalhos, aos carinhos e ao afeto a quem sempre deseja se vingar.

O pai, o antigo assassino, tem cumprido sua missão velando pela vida material daquele que assassinara, procurando amparar o filho, lançando mãos de todos os recursos materiais ganhos com sacrifício, para criar, educar e repô-lo no caminho de uma nova existência.

O filho por sua vez, menos preparado na sua vida espiritual, ainda não soube perdoar e não soube esquecer, presente naquele corpo que representa o seu pai o espírito que outrora levantara a mão e empunhara um punhal para assassiná-lo.

A vida em comum dessas criaturas será, quase na certeza, pontilhada de desgostos e temores, pois existe entre elas, bailando entre suas auras, uma mão invisível empunhando uma lâmina tinta de sangue, e cada uma dessas gotas de sangue representa um desgosto, uma contrariedade, que só se transformará em dívidas resgatadas, se tiverem a ampará-las a resignação, a humildade e a grandeza de coração, bálsamos que atenuarão a dor de um e transformarão o ódio e o rancor do outro.

Daqui, de muito longe, só pedimos a essa Sabedoria Divina para que o braço do assassino não se levante, ainda, um dia, contra o assassino, procurando mergulhar no seu coração, a mesma lâmina que ainda baila defronte de seu espírito. Lâminas que as brumas de uma existência espiritual foram incapazes de fazer desaparecer de seu psiquismo.

REMINISCÊNCIA DE UM ESPÍRITO UM CASAL ATRIBULADO

Há pouco, internamos mais um enfermo. Velho, com 64 anos de idade, com pronunciado defeito físico em umas das pernas, que se tornou mais curta do que a outra, em consequência de uma fratura mal consolidada, há mais de 20 anos.

Só caminha amparado a um bordão e é completamente surdo. Estava nervoso, falando muito, sem cessar, agitado, demonstrando rancor, ódio, inquietação tremenda.

O filho que o acompanhava demonstrando grande carinho para com velho pai, assim nos contou os antecedentes do caso: “O velho sempre foi muito forte e trabalhador. Família numerosa, toda criada, possuindo mesmo vários netos.

Sempre foi um bom chefe de família, a tudo se sacrificando em benefício dos seus.

De um ano a essa parte começaram a notar certa transformação no seu modo de viver, principalmente no trato com a esposa, a quem atribuía faltas inconcebíveis pela idade que tinha.

Os filhos e demais parentes rodeavam-no e se riam dos absurdos ciúmes de velho em relação à esposa.

Com o tempo, todavia, já não se divertiam mais com essas demonstrações absurdas, porque o doente dava mostras evidentes de perturbação mental, pois se tornava cada vez mais nervoso, a ponto de ser vigiado continuamente. Seu estado de saúde, alterava-se de tal maneira, que tiveram de procurar recursos médicos, uma vez que ele recusava toda e qualquer alimentação e passava noites em seguidas em claro.

Seu estado de animo a principio contra e esposa, se foi estendendo às demais pessoas da família, cuja presença não tolerava.

Resolvendo sua internação, pois os recursos procurados tinham sido improficuos, trouxeram-no para Uberaba.

Esteve no sanatório durante três meses, sem dar o mínimo trabalho, pois, paciente e humilde, apesar da sua surdez, contava em cada um da casa um amigo que se condoia da sua situação.

Sim, sem dar trabalho nenhum, porquanto, após os quatro primeiros dias de inquietação e nervosia, alimentado á força, nada mais demonstrou para que fosse classificado o seu caso como desequilíbrio mental.

Avisamos à família e o filho veio buscá-lo.

Alegre e sorridente, demonstrando visível satisfação por poder abraçar os netinhos, lá foi ele de volta para o lar.

Após dias de viagem, na qual sempre se demonstrou contente, feliz, ao chegar em casa, imediatamente voltaram todos os sintomas. Ficou como que desvairado, louco, querendo bater na esposa e pouco ligando aos conselhos e carinhos com que procuravam rodeá-lo. Passou o dia e a noite inteira gritando, enraivecido com a companheira. Temendo maiores conseqüências resolverem reinterná-lo voltando para isso no dia imediato.

Três dias depois, para nós foi causa de admiração o fato de o vermos de volta, em companhia do filho.

No dia seguinte, nada apresentava de anormal. Dormindo e se alimentando bem, fisionomia alegre, aberta em sorriso de felicidade.

Desequilíbrio mental não era, pois, fomos afastando os diversos sintomas primitivos e nada restou para que pudéssemos conscienciosamente enquadrar o seu quadro na classificação oficial.

Atuações de entidades inimigas, conscientes ou não, também não eram, pois tínhamos a certeza de que nada interferiam em seu estado.

Havia uma explicação qualquer para seu caso, pois o seu procedimento para com a família não era natural, e essas mudanças bruscas e repentinas estavam requerendo uma providência capaz de não nos proporcionar mais uma situação assim tão embaraçosa.

Dois meses depois, sem encontrar uma justificativa para o caso e condoído da sua situação, privado da sua liberdade, longe dos filhos e dos netos, recorreremos ao auxílio de um amigo espiritual.

A explicação foi dada, e tão razoável, tão nítida, e tão cabível que, mais uma vez, testemunhávamos a grandeza, o esplendor e o fundamento científico do espiritismo.

A explicação foi simples e sucinta:

“O doente, em existência passada, residiu na Espanha. Era rico negociante, forte e conceituado. Perdendo a esposa com a qual havia tido vários filhos, alguns anos depois simpatizou por uma jovem.

Ele era de bastante idade e era rico.

A moça pobre, órfã de pai, muito jovem ainda e muito bonita, trabalhava como bordadeira, principalmente para vestimentas de toureiros, entre os quais convivia e era muito requestada.

Apesar dos conselhos de parentes e amigos, casou-se com ela vivendo bem durante alguns anos, após os quais ela sempre faceira e engolfada em diversões, aos poucos se foi desviando do lar, tanto que o velho por desconfiança, não tinha para com os filhos dessa união o mesmo carinho que demonstrava para com os outros.

Um dia o velho encontrou-a no quarto, em companhia de um jovem que não era senão um de seus filhos com a primeira esposa!

Expulsou a mulher do lar e não quis saber do filho, para o qual até então olhava.

A jovem expulsa da casa, assediada pelos antigos companheiros, continuou na sua vida de perdições e nunca deixou de ferir a honra do antigo esposo, procurando todas as oportunidades para desmoralizá-lo.

De uma feita notando a presença do rapaz, seu antigo amante, em uma reunião alegre, provocou novos comentários desairosos não só para o filho, mas também para desabafar contra seu antigo esposo.

O rapaz sentindo-se ofendido e vendo que o nome do pai estava servindo para chacotas, naquele meio indigno, reagiu na altura da afronta, disso resultando uma briga generalizada, na qual ele ficou muito ferido, machucado.

O pai sabedor desse acontecimento, sentindo orgulhoso com a atitude do filho, perdoou-o, levando-o para sua casa onde faleceu, embora estivesse rodeado de tudo conforto e carinho.

O velho desgostoso com essa série de acontecimentos, suicidou-se e como espírito, durante muito tempo perseguiu a jovem que ainda continuava naquela vida de orgias.

Ora nessa encarnação, ele tem por esposa, a mesma jovem que, na existência passada fora expulsa do lar com indigna e traidora.

Esse rapaz que veio trazê-lo é o filho antigo da primeira união, o mesmo que se tornara amante da segunda esposa e fora ferido em defesa da sua honra, e a sua esposa na existência passada é uma das suas noras, atualmente casada com um de seus filhos.

Na família ele ainda tem um irmão que o fora, também, em existência passada.

Durante muitos anos, nessa encarnação, ele viveu bem com a esposa, porque o seu espírito embora revoltado, encontrava na matéria sã uma barreira, através da qual não podia se manifestar.

Com a idade e o conseqüente enfraquecimento do organismo, o espírito mais livre, mais liberto, ainda não esquecido das faltas da esposa naquela existência, revolta-se, conseguindo mostrar os seus sentimentos de ódio e desconfiança, reminiscências da vida passada”.

Explicação simples, admirável e profunda!

Os acontecimentos básicos da vida do indivíduo; os choques que mais o sensibilizam; as várias fases de maior repercussão, de suas existências se estampam de tal maneira no seu perispírito que se conservam com toda a gama de suas emoções e só se atenuam com o progresso e conseqüente evolução.

Revestido pela carcaça da matéria, que é o corpo humano, nela encontra uma barreira á sua manifestação espontânea dos seus sentimentos.

Enfraquecida essa barreira por qualquer circunstância que desequilibre o organismo, doenças, idades, choques morais, o espírito, mais liberto, livres das peias que o prendem, consegue exteriorizar tudo aquilo que se havia estampado nele mesmo durante as suas existências passadas.

É o caso desse doente que não é doente.

Em existência passada, a traição da esposa e a necessidade consecutiva da sua expulsão do lar constituíram para ele, um choque que não só o abalou profundamente, como também se estampou no seu perispírito, e de tal forma que resistiu longos anos.

Encarnado tomou por companheira a mesma criatura que lhe proporcionou tantos desesperos e desgostos.

Enquanto a saúde e o equilíbrio do organismo foram bastante perfeitos para que o seu espírito não pudesse exteriorizar a sua desconfiança, tudo decorreu bem, em plena harmonia, procurando ambos o perdão mútuo, para que desaparece a mágoa e os tormentos.

Veio a velhice; com ela o enfraquecimento orgânico que facilitou a liberação do espírito, demonstrando este mesma desconfiança que nele estava arraigado.

Da posse dessas revelações, mandamos chamar o seu filho e não ocultamos o nosso parecer. Era um conselho médico e de irmão, fazendo ver que seu velho pai não era um louco, nem um desequilibrado mental.

Era sim uma vítima de si mesmo, um espírito que ainda não soubera perdoar e esquecer fatos passados e, nesta circunstância, jamais poderia

viver continuando ao lado da sua companheira, que constituía o único fator para as manifestações de loucura que havia apresentado, a não ser que fatores outros viessem aproximá-los de novo – Perdão, esquecimento do passado, equilíbrio do organismo etc...

Morando com qualquer um dos demais parentes, longe da presença da esposa, não mais sofreria essas inquietações.

Estava velho, cansado poderia muito bem viver ora com um filho, ora com outro, mudando de ambiente, recebendo os carinhos e o conforto de todos.

Ficou confuso e admirado, pois só então se lembrava de pequenas passagens, pormenores tão insignificantes a que não havia ligado importância.

Só agora ligava uma coisa com a outra, porém não se admirava, porque era espírita e sabia muito bem a realidade desses ensinamentos.

De fato em sua residência, muitas vezes o velho chamava os filhos e lhes falava com convicção:

“Vocês estão muito enganados com essa velha. Ela não presta, não vale nada!

Ponham-lhe um vestido pelos joelhos, decotado e de sedas e soltem-na em um baile ou uma festa qualquer. Verão que se transformam e sua preocupação única em dançar e namorar.

Reminiscências do Espírito!

Aceitou o nosso conselho e lá se foi o nosso bom velhinho para casa de um dos filhos, em cujo ambiente, assistindo às travessuras dos netinhos, irá desviando as suas lembranças de um passado infeliz, preparando-se para a libertação integral do espírito que voltaria muito breve, à sua verdadeira pátria, o *Universo*.

Sempre tivemos suas notícias, e nos alegramo-nos em saber que levava uma vida sossegada, contente, satisfeito, nunca mais atormentado pelas reminiscências dolorosas que se perdia ao longe.

Mais um caso interessante para a pobre ciência dos homens, pois nada mais representam que uma dessas milhares de pequenas tragédias que abalam a humanidade, destroem lares e confundem a sabedoria dos homens.

São tragédias comuns que resistem a todos os recursos materiais da ciência; tragédias para as quais remédios, exames, pesquisas de laboratório e aparelhagem se mostram impotentes, não conseguindo amortecer as agruras, extinguir as lágrimas provocadas, e opor barreiras á sua destruição.

Sim – Insuficientes e incapazes, pois são tragédias comuns e que só se atenuam com uma única terapêutica - *A terapêutica do perdão, do amor e do esquecimento.*

ANGUSTIA DE MÃE

Um colega acabara de chegar de uma cidade longínqua, trazendo a sogra para uma consulta.

Sadia, relativamente forte, aos 65 anos de idade, criara 6 filhas, todas casadas. Trabalhava muito para a educação dos seus, chegando mesmo a costurar, lavar e passar roupas para uma grande freguesia.

Apesar do seu mister humilde, curtindo por vezes, fases de abertura financeiras, educou as filhas, proporcionando-lhes educação esmerada, mostrando-se sempre alegre, satisfeita, sem doenças graves a ensombrarem os seus dias.

Com o aparecimento da netinha, começou a apresentar sintomas de perturbação mental com a coexistência de distúrbios afetivos, idéias delirantes, alucinações, delírio de culpa, alegando que o genro e a filha não mais a estimavam, porque não permitiam grande convivência com a netinha.

Com o casamento seguido das demais filhas e conseqüente aparecimento dos demais netos e netas, esses sintomas se acentuaram de tal maneira que os filhos se foram afastando de sua casa, mudando-se para outras cidades, a ponto de ficar quase isolada.

Vai visitar as filhas, procurando passar uma temporada em casa de cada uma. Por maiores demonstrações de carinho que procuram dar-lhe cercando-a de conforto e bem estar sobrevêm as crises de pranto, exclamações, delírio de culpa, de perseguição, incomodando a própria vizinhança. Diz que ninguém gosta dela, tratando-a como se fosse uma indesejável, mulher perigosa e que bem sabe não prestar mesmo.

Com essas manifestações, genros e filhas envidam esforços para que sua permanência em seus lares seja a mais curta possível, evitando também grande convivência com os netos, ao todo 16.

Com um genro médico e os outros em boas condições financeiras, há anos que procuram proporcionar-lhe todos os recursos preciosos para o seu tratamento e se acham desanimados com a correria por consultórios médicos e laboratórios.

Exames em quantidade e chapas de raio x em número espantoso, contribuindo para o desanimo ante a diversificação dos diagnósticos que variavam ao infinito como: Involução, senilidade, estado pré-senil, arteriosclerose, sífilis cerebral, lesões vasculares, parafrenia, psicose maníaco-depressiva com intervalos lúcidos, psicose de situação e reação, personalidade psicopática.

Como médico que poderia pensar da medicina?

Era vitimada, de fato, por idéias delirantes, sistematizadas, insidiosas; excitação psíquica, panfobias, agitação e depressão, delírio de culpa, melancolia, tristeza e depressão.

Não se constava, porém, empobrecimento intelectual; decadência mental própria da velhice.

Não havia manifestações de origem endócrina.

Toda atividade psíquica normal. Memória retentiva e reprodutiva normal.

Presentimos as tragédias costumeiras – *Memória retentiva e reprodutiva do Perispírito* – Progressivamente liberto dos liames da matéria, no desgaste natural causado pelos anos.

Há anos que o colega, por uma curiosidade natural lia as obras espíritas, porém, jamais assistira a uma reunião, mormente de um trabalho especializado de curas. Os demais da família eram católicos, exceção da paciente que recusava veementemente, qualquer contato com as igrejas e padres.

Recorremos às sombras amigas, e, após alguns dias, em nossa companhia, em reunião especializada, assistiu o relato das causas que tanto tempo perturbavam a paz, a tranqüilidade daqueles lares e, sobretudo, das *Causas* que desorientavam a medicina oficial á qual recorrera tantas vezes e com tantas esperanças.

Após demorada e dificultosa incorporação, assim se manifestou a entidade esperada:

“Vivi, até agora, como que envolto em um nevoeiro denso, percebendo ruídos e vozes sem conseguir localizá-los, e, raras vezes, para meu tormento, me sendo possível distinguir suas características.

Espécie de sono, um pesadelo eterno, desejando acordar, voltar à realidade da vida, sem o conseguir, debatendo-me contra a tortura, a angústia e o desespero.

Com a minha presença, agora, nessa casa, esse nevoeiro se foi desfazendo e já percebo claro, através dos quais vejo, sinto a realidade do meu estado. Aos poucos sinto as lembranças do passado e a realidade do presente.

Vivi na capital, época em que, nos meus últimos tempos assisti ao sofrimento do povo, sem leis, sem garantias, chafurdando na miséria, mendigando pão, enquanto as camadas ricas embarcavam para a corte, á procura de orgia, e de luxo, esquecidos do povo escravo, que as olhava com um misto de revolta e de desprezo.

Na verdade falava-se muito em revolta, e as violências se acentuavam dia-a-dia, e as prisões viviam repletas.

Morava em uma travessa próxima do mar em casa de uma fidalga, onde fazia o papel de criado-escravo das suas determinações, subjugado pelo temor devido à influência da qual ela usufruía junto ao clero e da nobreza.

Sua casa era um ponto de reunião onde, a par de uma religiosidade fanática, com capela particular, existiam salas onde se reuniam grandes e poderosas personalidades da época em suntuosos banquetes regados com vinho fino.

Ela vivia dos favores oficiais que não lhe negavam fartos meios pecuniários em troca de noitadas alegres em companhia de moças – Crianças ainda – Que ela atraía ora com ameaças, ora com dinheiro tão difícil em uma época de misérias, arrebanhando-as até mesmo, em uma casa de recolhimento para órfãs.

Por sua influência e por conveniências de seus comparsas, foi fundada, naquela época, uma casa para os expostos. Foram inúmeras as vezes que, altas horas da noite, fui buscar, em casas pobres e ricas, o fruto pecaminoso daquelas noitadas alegres e depositá-los naquele nicho disfarçado para ser criado por mãos alheias.

Não avalia senhor, como se impregna nos meus ouvidos o choro daqueles inocentes.

Era com mágoa, revolta e piedade, que atravessava becos e vielas, no silêncio das noites, levando aconchegados ao coração, aqueles fardoalhos para a roda, encobrando crimes infames.

O medo, o temor de vinditas era maior, todavia.

Era uma época de privações e temores; em que a justiça era o poder do mais forte; que o povo desesperado vivia sobre o chicote e as patas dos cavalos; época em que o ouro falava mais alto que os sentimentos dignos – Que poderia eu fazer senão a obediência cega e escrava, cumprindo determinações daquela alma negra escudada na força do clero, na riqueza dos mandatários e na malvadez do coração?

Infelicitou lares, desfez ilusões; provocou lamento, arrancando recém nascidos dos braços das mães.

Um só de seus olhares sufocava qualquer gesto de rebelião e de protesto.

Em uma oportunidade em que ela se achava enferma fugi daquele antro e nunca mais tive notícias.

Após esses acontecimentos tive outra reencarnação e voltei para o “*Espaço*” segundo me revelaram aqui, vitimado, ainda moço, por um acidente de estrada de ferro nas proximidades do Rio de Janeiro”.

A médium demonstrava esgotamento, e enquanto outros procuravam ampará-la, nós dois, médicos terrenos, olhamo-nos demoradamente e, através do seu silêncio, pude vislumbrar a tempestade de pensamentos e resoluções que turbilhonavam no seu cérebro.

Ali estava bem patenteado o diagnóstico que a medicina terrena procurava em vão – *Lembranças retidas, guardadas em seu perispírito e que se manifestavam tocados pela justiça Divina!*

Suas ligeiras leituras a respeito da Doutrina serviram de base para compreender e saber analisar perfeitamente o resultado daquele trabalho de pesquisa.

Ela via e sentia, nas filhas atuais, algumas daquelas infelizes que mandara arrancar dos lares humildes para entregá-las à concupiscência dos seus amigos.

Nos genros, pressentia os namorados e os ricos noivos os quais, sob sofrimentos e angústias, viram derruir as suas esperanças.

Nas netinhas, a imagem viva das crianças, enviada à casa dos *expostos* e sentia todos eles – Vítimas passadas - Se levantarem ante a lembrança de seu espírito verberando a maldade, a hipocrisia e os interesses ignóbeis.

A principio, amparada pela matéria ainda resistente, apenas por espaços de tempo, ligeiramente, sentia laivos das lembranças que dormitavam no perispírito .

Com o decorrer dos anos, matéria enfraquecida pelo natural desgaste do tempo, sensivelmente se foi libertando do presente e, sensivelmente repassando as páginas do passado.

No choramingar de cada netinha sentia aflorar, no perispírito, a lembrança dos instantes durante os quais, indiferente às dores e aos desesperos das mães que a sua maldade conspurcara e, como reflexo, as imprecações daqueles espíritos inocentes, protestando contra a sua retirada do seio das mães, para serem lançados nas voragens de uma vida incerta.

No olhar das filhas – Se notava o respeito e a gratidão, sentia também lampejo de medo e terror – Mesmo terror e mesmo medo que infundia, quando as obrigara a se entregarem para a satisfação de desejos menos dignos.

Quando via suas filhinhas dela se aproximarem, sentia dentro de seus próprios seres os mesmos temores que sentiram naquela época, quando as crianças eram, á força arrancados, dos seus braços e não podiam afastar o gesto denunciador daqueles que depois de muito sofrerem não mais podiam

confiar na felicidade, vivendo em contínua expectativa e sobressaltos, á espera de novos acontecimentos desagradáveis.

No gesto de carinho e amparo dos genros – Se notava a manifestação de amizade, sentia, também, a emanção das mágoas, dos pesares, e das dores que lhes implantara no perispírito, quando, com frieza e indiferentismo, destruíra as esperanças, Junto das eleitas dos seus corações.

Manejados pelos desígnios Divinos – Algoz e vítima do passado, agora reunidos, em novo cenário, se desenrolavam o segundo ato daquele drama tão pontilhado de cenas trágicas, pranto, desespero, temores.

Não existiam espíritos maus e vingativos a serem doutrinados.

Era sim o *Tribunal da própria Consciência* ante o qual sentia, em todo o terror, o germinar das sementes que semeara e que cresciam, agora, quais espectros a verberarem a sua maldade.

Com imenso sacrifício criara as filhas e, ano a ano, orgulhosa da sua obra no presente, via coroados os seus sacrifícios de mãe, vendo as filhas se dirigirem ao altar, felizes, sorridentes, ao lado daqueles de quem as separara, um dia, ressarcindo-se de mais um erro cometido, mas não podia, agora, na velhice, sentir o calor de seus carinhos.

Uma a uma, sob aflição e esperanças, viu chegar as netinhas para viverem no regaço de suas mães; do mesmo regaço que lhes negara um dia. Mais erros ressarcidos no negror do passado – Mas se via impossibilitada de aconchegá-las ao peito, a fim de receber o calor da inocência, a fim de atenuar o frio da velhice que já se fazia sentir.

Levaríamos, eu e o colega, ao conhecimento dos seus a tempestade de remorsos que remoíam aquela criatura?

Suas filhas estariam à altura de compreender a sublimidade da *Justiça Divina*?

Não se envergonhariam da mãe e não se sentiriam humilhadas ente os esposos?

E se esses, por sua vez, como receberiam a verdade da situação das suas esposas em existência passada?

Quantas dúvidas, quantas incertezas!

Destruíu almas e corações e veio, pela reencarnação, arrebanhar aquelas vítimas da sua maldade, agora, como mãe extremosa ressarcir o seu erro e receber, por si mesma, o reflexo e os tormentos que provocou.

Eis as origens das tragédias que se passam nos recessos dos lares e que a *Psiquiatria* sem a base da *Reencarnação*, se torna impotente para resolver quando, alicerçada nos fatos de existências passadas, poderia proporcionar tanta paz e felicidade.

Ele, o colega, compreendeu, que na medicina material, não encontraria os medicamentos precisos para apagar aquelas lembranças do passado.

E na medicina espiritual?

Sim, na medicina espiritual poderia encontrar a terapêutica precisa, procurando reunir vítimas e algoz em torno do evangelho, fazendo que procurassem buscar nutrir-se na *Seiva Divina* para poderem suportar o fardo da vida terrena.

Com o auxílio do esplendor das *Luzes da verdade*, ficarão aptos a se libertarem das iniquidades do passado, para, mais facilmente após o descanso, voltarem para novas caminhadas.

Terapêutica?

Sim. Não disse:

Ide – *Curai os enfermos e consolai os aflitos?*

ALCOOLISMO

O alcoolismo ainda constitui um dos grandes flagelos que assolam a humanidade, desequilibrando as normas de vida, provocando tragédias contínuas e contínuos desassossegos, e enchendo os manicômios de uma percentagem aterradora.

Se para a humanidade, esse mal avassalador, penetrando em todas as camadas e nelas deixando a sua marca de tragédias com conseqüentes desesperos e lágrimas, para a ciência humana, constitui, também, um mal que não tem encontrado barreiras no seu ímpeto assolador e, pior do que isso, não tem permitido que se lhe anteponha uma terapêutica criteriosa, capaz de, se não anular os seus efeitos, pelo menos atenuar os seus males.

Ainda uma vez, a ciência dos homens, entra com seu contingente de culpa, deixando as células e os neurônios intoxicados sem possibilidade para um tratamento eficiente.

O materialismo da ciência humana continua sendo mesmo nesse setor – Vícios – O precipício à borda do qual pára, com seus apetrechos, temeroso de sondar a voragem, onde suas vistas não penetram, e através de cujas trevas não vislumbra um raio de luz ou uma raio de esperança.

Alcoolismo – Espectro horrendo que paira sobre os lares e a sociedade para deles arrancar, com as garras aduncas, os filhos, os esposos, os noivos, fazendo com que venham participar da sua cruzada imensa, que segue para o país da desgraça, por entre lamentações lúgubres, levando pela estrada do desespero os despojos da alegria e da felicidade.

A ciência dos homens, incapaz de um auxílio direto, continua presenciando esse cortejo fúnebre, condoída e desespera por não encontrar um recurso capaz de deter essa marcha ou atenuar as lamentações que se tornam mais sentidas e mais plangentes, quanto maior o número daqueles que reforçam as fileiras de infelizes.

Materialidade! Materialidade!

Filtro que estimula o orgulho do saber, anuviando a razão e entorpecendo o raciocínio, não lhes permite acompanhar pari-passu a evolução que segue, indiferente aos desentendimentos humanos.

Apegado aos males físicos, esquecem-se dos males psíquicos, ignorando a questão da *sensibilidade mediúnica* dos indivíduos e indiferentes à ação quase avassaladora de entidades desencarnadas e inteligentes.

Apoiados na hereditariedade orgânica com suas conseqüências naturais ou patológicas, esquecem da *hereditariedade psíquica* – Acervo de vícios e intoxicações que o espírito traz de existências passadas.

Atribuem ao meio ambiente atual e aos arrastamentos dos amigos de agora, e não se lembram da possibilidade e da realidade dos meios e dos arrastamentos produzidos em vidas passadas.

Por vezes, apesar de não encontrar uma base sólida em todas essas conjecturas, digamos mesmo, leis para a maioria, nem assim se desviam da velha rotina, procurando outras bases para se firmarem nos diagnósticos e prognósticos.

É uma dessas leis e bases principais, à quais se agarram para tudo explicar, mesmo compreendendo a fraqueza dos argumentos, é a *hereditariedade patológica*. No entanto o papel da hereditariedade psíquica é muito mais importante, pois sua ação se faz sentir em todo o terreno da patologia.

Em referência ao caso de que nos ocupamos, todos os médicos que tratam do enfermo, menos um, atribuem ao arrastamento do meio aliado às condições da vida social, dando o caso como perdido, devido á intoxicação das células e dos neurônios.

Longe de nós quereremos negar o legado dos pais e entes passados, através de cujas gerações o mal persiste e os vícios se patenteiam.

Todavia só esse apoio é bastante frágil, ante aquele que arrasta os indivíduos pela intoxicação, pela hereditariedade psíquica, sem o conhecimento do qual é difícil, impossível mesmo, o saneamento e a luta contra a embriaguez, vício que se impregna muito mais no psiquismo do que no terreno material, orgânico.

O alcoólatra, leva consigo a herança mórbida, pois no laboratório da natureza, com a morte, o corpo apodrece e se consome, dispersando-se os elementos com a decomposição.

A lepra, a tuberculose, o câncer, males que se estabelecem no corpo e usufruem dos seus elementos químicos, se dispersam com a transformação, mas os vícios, como o álcool e os entorpecentes, são conservados no perispírito, sofrendo a intoxicação do seu Ego, a intoxicação psíquica.

Os primeiros males desaparecem com o corpo; os segundos persistem, pois o Espírito não morre – Continua sua vida como o repositório dos sentimentos, dos desejos.

Morto o alcoólatra, o seu espírito continua intoxicado e enfermo; tanto que em vida humana o seu vício o levou ao manicômio, nos manicômios do “*Espaço*” *continuará*, para a desintoxicação *Perispiritual*.

O medicamento, a vacina propícia para extirpar a tara psíquica da embriaguez é a noção da responsabilidade, a compreensão do dever, o desejo controlado, a boa vontade, escudos que todas as atuações psíquicas são impotentes para atenuar.

Desejar e repelir são vontades inerentes ao espírito; são desejos psíquicos que se devem manter em equilíbrio e, principalmente, *nas suas origens e nas suas causas*, porque poderia fazer muito mais, ainda, aliviando dores e curando enfermos, aliando esse tratamento psíquico baseado ao tratamento orgânico.

No maior número das vezes, esses dois males se reúnem, porque grande parte das criaturas *são sensitivas* e nos seus leitos de dor atraem entidades que vão aumentar a sua moléstia orgânica.

A assimilação fluídica entre os encarnados e desencarnados é um fato, e os sensitivos os atraem pelo pensamento, exteriorizando os seus males, pensamento e exteriorização que, abrangendo zonas psíquicas, provocam a aproximação de entidades que, junto aos seus leitos, ora aumenta essas dores, ora lhes fazem sentir outros males, ora, ainda, lhes aguçam os vícios para usufruírem dos bons resultados.

Essa assimilação fluídica – Agente invisível – Não depende de pesquisas de laboratórios e análises – Sim, dos trabalhos de investigação, estudando as mediunidades e a alma.

Várias observações enriquecem nosso arquivo, observando que provam o prolongamento ou atenuação dos padecimentos de um enfermo de conformidade com a aproximação de entidades, cuja ação se faz sentir ou

não, mormente para o caso de entorpecentes, quando essas entidades atuam mais ainda, provocando oportunidades para a aplicação desses medicamentos, dos quais lançam mão os médicos que visam o sintoma da dor.

Agem para que a dor seja mais intensa, obrigando o médico dar mais entorpecentes, porque o espírito que atua é viciado e sente também o efeito do entorpecente.

O Espírito sobrevive ao corpo, levando consigo todos os sentimentos e todos os desejos, e almas atormentadas pelo vício são verdadeiros tóxicos que se deixam levar para fora da estrada dos bons sentimentos, arrastando também os seus irmãos encarnados, de cujas taras psíquicas se aproveitam em seu benefício.

A verdadeira essência da vida está na vida psíquica. Para que a medicina não se veja entravada na sua sublime missão, ela precisa ampliar o seu combate às causas orgânicas, atacando também as *causas psíquicas*. Para isso precisa investigar e estudar os ensinamentos que lhe oferece o Espiritismo, como as leis da *Imortalidade* e a *Reencarnação*, a fim que a sublimidade da sua missão seja ainda mais eficiente.

CONSEQUÊNCIAS DO PASSADO

Há tempos por uma colega, nos foi apresentado um senhor já de idade, que viera de uma pequena localidade do estado do Rio, trazendo um filho para se submeter a um tratamento.

Meu filho, dizia o ancião, é um rapaz forte, sadio, com 26 anos de idade. Possuidor de bons sentimentos, inteligente, ao contrario dos demais irmãos, tem proporcionado à família um desgosto profundo. – O álcool.

De uns 6 anos para cá, apesar de conselhos, rogos, remédios e tratamentos médicos, não tem sido possível livrá-lo desse vício.

Tudo tenho feito por ele e ainda não desisti dos recursos da medicina e do auxilio de Deus, para fazer com que ele deixe esse vício maldito.

Internamos o rapaz e pouco nos demoramos em nos dirigir para o sanatório, ávidos para a observação, de assistir, a qualquer um dos quadros por que passam estes intoxicados, ou a forte reação, violenta, natural em quase todos os alcoólatras, ou as manifestações do *dilirium tremens* peculiar nos intoxicados inveterados, ou ainda, pelo menos, o abatimento físico, o estado quase pré-agônico da fase final em que se processa a desintoxicação através dos humores orgânicos.

Nada disto pudemos observar. Nem a revolta natural por se ver internado, privado de sua liberdade, nem o estado de insensibilidade, nem ainda as desordens de percepção, com ilusões e alucinações.

Nada de incoerência de idéias, nada de atos impulsivos!

O que encontramos foi um rapaz tratável, demonstrando fina educação, amável, obediente, senhor de suas idéias, de seu raciocínio, de todas as percepções, de uma criatura normal.

Nosso desapontamento de observador foi grande e a curiosidade dos olhos materiais foi substituída pela dos olhos espirituais, transformando o desapontamento em compaixão, pois, antevemos logo, uma destas tristes tragédias que salteiam os lares.

“Reconheço que faço mal abrigando esse vício; tudo tenho feito para deixá-lo. Mas palavra doutor, tem sido impossível.

Ele sobrepuja a minha vontade e me arrasta facilmente...

Reconhecia o seu mal. Falava sobre o pai, sobre os irmãos e sobre os amigos, envergonhado perante todos eles e, ao mesmo tempo, agradecido pelo esforço que todos faziam para afastá-lo daquele caminho.

Alguns dias após, tivemos o relato de sua vida passada e, com ele a origem e o porquê do vício que sobrepujava a sua vontade.

Resumindo, eis o resultado do que foi e do que teria de arrastar na vida atual:

Em existência passada, muito rico por herança, senhor de vastos latifúndios, ainda moço, foi arrastado por um amigo á casa de uma mundana famosa pela sua beleza.

Admirou-se a princípio desta amizade, pois o amigo que o arrastara era irmão daquela que se tornaria, em pouco, sua amante e, mais tarde, sua esposa, pois soubera, com artimanhas e hipocrisias, arrastá-lo ao casamento.

Efetuada este só então percebeu que nada mais desejavam que usufruir de sua fortuna, mas fascinado pela sua beleza e vencido pela sua habilidade, foi arrastado a todos os antros onde impera o vício, tornando-se em pouco tempo, um alcoólatra inveterado.

Perdeu toda sua fortuna e, com ela, o amigo e a esposa. Apaixonado, na miséria, sempre alcoolizado, tentou suicídio.

Não morreu logo devido aos cuidados de seu cunhado, que, arrependido, levou-o para uma casa de saúde, postando-se à sua cabeceira e tudo fazendo para salvá-lo. Durante a sua lenta agonia, presa de sofrimentos horríveis, no seu delírio, não deixava de pronunciar o nome da esposa.

Tudo isso para o cunhado que estava a sua cabeceira, não deixava de ser uma demonstração de verdadeira amizade à sua irmã.

Arrependido, mais ainda, pelo seu ato de arrastá-lo para os braços da irmã e aos vícios mais deprimentes, mormente o álcool, sempre alimentou o desejo de levantá-lo moralmente e esse desejo foi tão grande e tão sincero que, desencarnado ainda o conservou e veio, nesta existência como pai do paciente.

Sempre manteve o firme propósito de ampará-lo e tudo tem feito pelo filho; bem caro continua pagando o ato infeliz, que praticou outrora, movido pela ambição do ouro, pois o espírito do rapaz, trazendo consigo a reminiscência daquela vida passada, ante o pai, a lembrança da esposa e da irmã, torna-se mais viva, produzindo-lhe a revolta e, com ela a mágoa, procurando então, esquecimento nos vapores alcoólicos!

Como vemos não se trata de um caso de obsessão; o rapaz é médium sensitivo, e isto contribui para que seu espírito pressinta, na pessoa do pai, o causador de sua felicidade de outrora.

Revolta-se e como filho, respeitando o genitor, lhe devota ódio sem contudo manifestá-lo, e sem mesmo saber a sua causa e origem.

Trazendo consigo, o psiquismo intoxicado, facilmente é arrastado para a perpetuação do vício.

Ciente dos pormenores de sua vida passada, conseqüentemente da origem do seu vício e da causa primordial atual, a presença do seu genitor não nos foi difícil pelos meios apropriados, levar ao ego do paciente o despertar para o perdão, procurando sufocar a recordação daquele amor infeliz, influenciando-o para o desejo de um novo afeto, mais nobre e mais sincero.

E o conseguimos, despertando seu espírito para a luta futura, fazendo com que procurasse, pelo perdão não só esquecer o momento de fraqueza daqueles que o arrastaram para o caminho da amargura, como, também, se sublimasse ante si mesmo e seu genitor, em compensação pelo arrependimento e desgostos que não conseguiram abater ou atenuar o desejo de ampará-lo no esforço sacrossanto de fazer dele, um homem digno perante a sociedade e um espírito digno perante Deus.

E o conseguimos, porque, passado um ano, tivemos suas notícias, envolta com as novas que estava para construir o seu lar, prova de que seu espírito havia lançado o véu do esquecimento sobre o passado, na intenção de procurar, no futuro, um afeto sincero e digno, no qual pudesse apoiar-se para a continuação da vida material, vida de esperança, luta e sofrimento em prol da própria evolução, do próprio aprimoramento.

UM LAR DESFEITO

Após 15 dias de internamento para se submeter à desintoxicação alcoólica – Delírio e alucinações, já restabelecido assim se expressou:

“Pela primeira vez na vida embriaguei-me e assim procedi por paixão.

Sim, meu senhor. Sou pai de 6 filhos – Quatro homens e 2 mulheres. Sou trabalhador, econômico, e jamais deixei faltar algo para os meus, inclusive a educação primária, ofício para os rapazes e todas as prendas domésticas para as filhas.

Jamais procurei corrigir os filhos com castigos corporais e não me recordo de ter proporcionado a minha esposa momentos desagradáveis pela minha conduta.

Sou capataz. Viajo muito, curtindo agruras pelos caminhos e saudades do lar, tudo suportando, para proporcionar-lhes conforto de pobre para o presente e, se possível, evitar-lhes preocupações financeiras para o futuro.

No entanto considero-me um infeliz, porque ao chegar a minha casa, ao meu lar, após dias e dias de ausência, procurando sentir a alegria dos filhos e o carinho da esposa, sou recebido como um leproso, de quem todos fogem ou um assassino de quem todos temem.

Noto diferença nos seus gestos, nas suas conversas e nas suas atitudes e, na maior parte das vezes, somem para a rua ou para a vizinhança, como que evitando contacto comigo.

Há uns três anos que noto semelhante fato, procurando enganar a mim próprio, atribuindo tudo isso a fatores naturais criados pela minha imaginação, suportando calado, na esperança de dias melhores.

Como a minha frequência em casa agora é mais demorada, pois, tenho pouco viajado, a situação se torna cada vez pior.

Com boas maneiras tenho procurado contornar a situação, inquirindo minha esposa e meus próprios filhos.

Dizem nada haver.
Mas, como? Eu sinto e vejo a situação anormal do meu lar.
Desejo um exame para mim e meus filhos, esperando que tudo seja superado.

Ele, nada de anormal. Caboclo forte, disposto, acostumado a enfrentar as intempéries e conseqüências das viagens longas, conduzindo gado pela estrada.

Uma filha e um filho casados, uma filha solteira e três rapazes e a esposa, nada apresentado de desvio psíquico.
Após várias inquirições e muita diplomacia conseguimos a confissão de sua esposa.

“Se o sofrimento e a mágoa deles são grandes doutor, maiores ainda são as minhas por ser confidente de meus filhos, porque na verdade eles o temem e o detestam, a ponto de desaparecerem de casa, quando ele se acha na cidade.

Razões para isso?

Não as vejo. Tem sido bom, trabalhador, olhando por todos nós, nada deixado faltar, e não me recordo que tenha castigado os filhos, algum dia. Já me apeguei, e já me aconselhei com todos os santos de minha devoção sem nada conseguir.

Nossa vida em casa se transformou num verdadeiro inferno.

Não querem nem ouvir, e nem falar do pai”

Medicamentos, análises e pesquisas de laboratórios, exames de raios x – Tudo aquilo que a psiquiatria lança mão como recurso eficiente em alguns casos, nesse, nenhum proveito poderão oferecer.

Necessita sim, dos medicamentos dos laboratórios do infinito, análises e pesquisas através das obras básicas da doutrina, e exames de consciência, cujas chapas revelarão com mais nitidez as manchas impregnadas no perispírito.

Será um passo enorme para a conquista da paz e da felicidade que serão para todo o sempre, fortalecidos para o trabalho construtivo na seara do Mestre.

Avaliamos a extensão da sua tortura moral, suportando o desprezo e a indiferença dos filhos, quando o seu coração arrependido tudo tem feito para reconquistar o amor e o carinho daqueles que fizera sofrer.

Acha-se preparado para suportar tudo mesmo porque apoiado no Divino auxílio no qual crê e confia, terá, no fator tempo, o maior aliado para que os seus cheguem, também, à compreensão das Eternas Verdades e as transformem em perdão para recomeçarem nova caminhada.

FILHOS QUE DETESTA OS PAIS

A.C – Rapaz forte, compleição robusto, solteiro, 24 anos de idade, filho de pais italianos, gente simples, trabalhadora e honesta, vivendo há vários anos, cercado pela amizade de todos, em uma cidade do Triângulo Mineiro.

Instrução pouca.

Desde pequeno demonstra gênio irascível, contra o pai e a mãe, mormente contra o pioneiro com o qual não quer convivência, evitando mesmo a aproximação. Ao contrário não respeita a velhice do pai, senhor já dos seus 60 anos, cobrindo-o de impropérios e injúrias, tentando mesmo agredi-los fisicamente e, por vezes sem motivo justificados.

Com os amigos e conhecidos demonstra-se um indivíduo perfeito, conversando e tomando parte em suas reuniões, convivendo naturalmente, sem nenhuma demonstração de desequilíbrio mental.

Trabalhador e disposto dedicou-se à carpintaria.

Do pai não tolera a mínima observação, o mínimo conselho, demonstrando revolta imediata, insultando o genitor, requerendo intervenção de várias pessoas para contê-lo nas suas demonstrações de ódio, insultos, pois torna-se furioso, completamente louco, proferindo sem cessar numa algaravia de assuntos, insultos e ameaças, aglutinando lembranças e momentos da política Européia, coisas que desconhece, pois pouco se importa com jornais e tudo ignora do velho mundo.

Essas crises são constantes e por vezes duram horas e mesmo dias, sendo então constantemente vigiado, amarrado ou posto sob a proteção de entorpecentes, único meio de que lançaram mão médicos que dele trataram.

Diagnósticos e tratamentos tem variado ao infinito, pois a família, sobressaltada, e demonstrando interesse pela saúde e bem estar do filho, não tem medido esforço e sacrifício para manter a convivência e a paz, no lar, paz e convivência apenas perturbada, por essas crises periódicas e irrazoáveis.

Aos conselhos dos amigos e conhecidos, responde com invectivas contra o pai, culpando-o por coisas que todos reconhecem e sabem não serem verdadeiras.

Já estive internado em um sanatório, onde recebeu alta, como curado, após alguns meses de tratamento.

São as duas únicas pessoas que provocam essas crises de violência – A mãe e o pai – Mormente este último, com seus conselhos ou simplesmente com a sua presença.

Cansados e cientes impotência dos recursos, até então procurados, trouxeram-no para esta cidade, recorrendo aos nossos cuidados.

Internado durante 30 dias, em observação, nada demonstrou que exigisse internamento e isolamento.

Tem memória e raciocínio à altura de sua educação e instrução. Noção de espaço, tempo e lugar.

Nada de anormal pelos exames feitos e nenhuma demonstração de desequilíbrio mental. Ao contrário vivia pedindo para que lhe déssemos um serviço qualquer a fim de melhor passar o tempo.

Após este período de observação, cuidadosamente procuramos saber de seus projetos futuros, pois pretendíamos mandar chamar a sua família, para que o levasse por não parecer necessário seu isolamento.

Percebendo nosso propósito de fazê-lo voltar para casa, só então, pela primeira vez, no sanatório, demonstrou tremenda revolta contra os pais, dizendo que a tudo se submeteria, menos viver em companhia de seus genitores. Queria sair sim, para trabalhar, porém para outras localidades, bem longe daqueles que procuravam cercá-lo de carinhos e cuidados. Não gostava dos velhos e somente a sua presença era motivo para aborrecê-lo. Por que?

Ele mesmo não sabia explicar e apresentava motivos fúteis, tão tolos e infantis que não resistiam à menor análise.

Mais uma vez nossa atenção foi despertada pela realidade dessas tragédias presentes, conseqüências de fatores passados.

Pedimos a uma entidade amiga para nos orientar naquela emergência, esperando uma explicação para aquele caso em que a nossa terapêutica material era desnecessária, e em que o nosso raciocínio apenas permitia vislumbrar a causa longínqua .

Prometeu trazer a um de nossos trabalhos, uma entidade que estava à altura de nos revelar algo que motivava aquela tragédia, transformando a tranquilidade de um lar em um ambiente de desassossego e apreensões.

De fato, poucos dias depois, tivemos a oportunidade de conversar com um desencarnado.

“Na minha última existência material, fui pai deste rapaz.

Morávamos em um lugar chamado Malhada, em Portugal. Ele sempre foi bom filho, disposto, trabalhador, porém muito genioso e dado a valentias, devido mesmo ao seu gênero de negócios, convivendo com toda classe de pessoas, pois possuía um armazém com grande adega, dedicando-se ao comércio de vinhos, motivo pelo qual fazia constantes viagens à Espanha.

Contrariando a minha opinião e o conselho de vários amigos, casou-se com uma moça cujo conceito não era muito bom.

Após o seu casamento, aceitou um tio por sócio, no seu armazém e, certo tempo depois de volta de uma de suas viagens, teve desconfianças de que o tio tornara-se amante de sua esposa, manchando o seu lar.

Eles de nada desconfiavam, julgando-se únicos senhores deste segredo.

Nos dias de convivência que se seguiram, tudo fez para que as desconfianças que o empolgavam se objetivassem em certezas, e, quando convicto de que tudo era verdade, assassinou o tio na adega; retalhou seu corpo em centenas de pedaços e os lançou em um dos tóneis de vinho, no qual pôs uma boa quantidade de ácido para desfazer e apagar os vestígios de seu crime. Em seguida levou também o corpo de sua esposa à adega, após amarrá-la, abriu-lhe o ventre procurando deformá-la, mostrando-lhe, também o que restava do corpo do amante.

Ela enlouqueceu sob tanta tortura e pouco depois morria vitimada pela infecção que lhe produzira no ventre.

Desassossegado, temendo desconfianças e conseqüente prisão de meu filho, aconselhei-lhe a venda de seu armazém, com exceção dos tóneis de vinho, e fomos para a Espanha, conseguindo nesta viagem atirar ao mar, aquele que guardava os resquícios de seu crime.

Lá vivemos um certo tempo, sempre inquietos, temendo a descoberta daquele crime que eu como pai do autor do crime e sogro da vítima fora obrigado a tornar-me cúmplice.

Os quadros daquela tragédia havia se estampado tão fortemente em sua imaginação que nunca mais pode ter repouso e tranquilidade.

Parecia mesmo que a sombra do remorso vivia bailando à sua frente e lhe apresentando constante as diversas fases daquele crime horripilante, pois às vezes desvairado, dizia estar vendo tudo o que fizera.

Ficava agitado procurando tapar os olhos para que a sua vista não continuasse vendo o que estava retratado em sua imaginação.

Desgostoso, desorientado, bebendo muito, morreu, aos poucos em estado lastimável.

Pouco depois, também já velho, cansado e torturado com aquela série de acontecimentos que me abalavam os nervos, desencarnei ainda na Espanha.

Decorrido muito tempo que não se marca no relógio da eternidade, vim á procura de minha mãe e irmã que se havia reencarnado neste país, e que as encontrei também e tenho presenciado a tragédia de suas vidas pois o seu pai atual foi o seu tio, e a sua mãe nada menos que a sua esposa, naquela existência,

Tenho pena da tortura que ele sofre e provoca, mas os desígnios Divinos são sábios e justos,
Há quanto tempo isso?

Não sei, ao certo, meu senhor. Todavia para sua orientação, digo que ainda pagávamos impostos à coroa real.

Mais um tragédia desvendada, e cujas conseqüências explicáveis só poderiam ser retiradas dos abismos das existências passadas, pois o

presente não possui elementos capazes para orientar a patologia e conseqüente terapêutica.

Inúmeros médicos haviam examinado e tratado o rapaz e todos os recursos materiais tinham sido tentados, senão para restabelecer a paz naquele lar, pelo menos encaminhá-la.

Diagnósticos e prognósticos, baseados em teorias e conceitos dos mestres, foram dados e previstas. Nenhum deles veio demonstrar e provar a razão dessas teorias e conceitos, contrariando, ainda uma vez, a marcha dos estudos e das investigações materiais, na demonstração da fragilidade dos pilares em que se assenta a ciência material.

Tudo aquilo seria verdade?

Não passaria de fantasia e história arquitetada por um cérebro fértil em imagens, acontecimentos e tragédias improváveis?

Não seria difícil continuar com nossas observações e investigações e, para isso, escrevemos à família do paciente, para mandar buscá-lo avisando previamente que não viessem os pais, e sim um irmão parente ou amigo.

Uma semana após veio um irmão. Fizemos um relato completo sobre a passada existência das personagens em foco. Da melhor maneira possível, fizemos-lhe ciente, assim, de que a convivência do paciente, junto dos pais seria problemática.

Levasse-o e tentasse, mais uma vez. Certo continuassem as manifestações de ódio e rancor contra os pais, afastassem o paciente do convívio da família, permitindo que fosse trabalhar alhures, porquanto a recuperação dependia dele mesmo, jamais de drogas médicas.

Aconselhamo-lo, fazendo com que ficasse não só a par de sua existência passada, como também que se esforçasse para dominar os ímpetos de cólera, procurando seguir o caminho do perdão, fugindo assim da estrada do ódio e da vingança.

Em indivíduos de uma certa educação e compreensão, esse relato seria motivo bastante, talvez, para que disfarçassem, pelo menos amenizassem as manifestações contra os pais.

Ele, porém, mentalidade aquém da normal, sem noção de doutrina, materializado bastante para apagar do seu espírito a afronta contra o seu lar

e a desventura pela qual passou durante o restante da sua existência passada, pouco ligou para esse relato.

Tolices!!!

Mesma respostas que dão os pseudo-sábios e os pseudo-cientistas, imbuídos de orgulho, sabedoria e conhecimentos profundos.

O paciente recebeu o irmão com alegria, embarcando rumo ao seu lar. Poucos dias depois recebemos suas notícias, por intermédio de seu irmão. Fez toda a viagem alegre, satisfeito, arquitetando seus planos futuros para empreendimentos sãos e criteriosos.

Chegando em casa, porém, ante a presença daqueles que em eras anteriores haviam sido os causadores da sua infelicidade, ao ponto de levá-lo ao assassinio e ao arrastamento pelas sarjetas, espírito ainda desperto e incapaz de perdoar, lembrando-se de todos os horrores passados, explodiu em cóleras e invectivas, trocando a bênção e o abraço filial pelas demonstrações de maldade e asco.

Durante um mês continuou com as demonstrações de repugnância contra os pais, mostrando desejos de afastar-se deles.

Era a lembrança do passado único fator mórbido da sua infelicidade, lembrança que junto dos inimigos se materializava, impressionando fortemente o seu espírito, espelho em que girava os acontecimentos, lembrando-lhe a traição, a desonra do lar, o assassinio, a vida de desassossego, e a desventura que procurava desafogar em álcool.

Impressionados com mais essa demonstração de revolta e cientes do nosso aviso, mais uma vez resolveram seguir nossos conselhos e facilitaram a sua ida para outra cidade, onde permanece até o momento presente – Um ano após – Entregue ao seu trabalho, rodeado de considerações e amizades por fazer jus a elas, com o seu proceder correto e sua conduta sem mácula.

Mais uma vez estava provado o valor da *Reencarnação* em face da psiquiatria – demonstrando em todo a seu esplendor, a eclosão de ódios e lembranças que dormitavam no psiquismo intoxicado.

Temos pena desse filho que vive fora do lar, sentindo a falta de um carinho de mãe e os conselhos sábios de desinteressados de um pai,

É possível que no seu isolamento derrame lágrimas sentidas.

Lastimamos também aqueles dois velhos que, juntos, choram a ausência do filho que estimam e queriam continuar embalando, com seus cuidados e todo o seu amor de pais!

Juntos vieram nesta existência material, a fim de redimir culpas passadas.

Até agora não foi possível, pois o ódio de um não pode ser atenuado, porque ainda não aprendeu a perdoar, e a evolução dos outros ainda não foi o bastante para sofrer humilde e resignadamente a revolta daquele que é carne de sua carne e sangue de seu sangue.

Deixemos que a sombra do manto da justiça Divina continue sobre essa tragédia passada.

As lágrimas que ambos derramam, nas noites de isolamento e saudade, serão bastante para apagar do coração de um, o ódio, e dos outros, o orgulho; nova existência irá reuni-los novamente a fim de que mais evoluídos, e com maior compreensão, possam apagar de seus espíritos a lembrança que aquele passo errado que a materialidade converteu em tragédia horrenda, no fundo de uma adega mal iluminada por uma candeia cuja luz bruxuleante irá apagando, na memória de todos aquelas cenas que se estamparam tão fortemente nas suas imaginações, nelas permitindo a entrada da luz divina do esquecimento; nova era virá de paz e sossego, tranqüilidade e harmonia, sobre a sombra benéfica do manto divino do Perdão.

UM LAR FELIZ.

Forças estranhas, poderosas, inexoráveis, é que presidem a formação de um lar.

Forçam encontros
Agem por atuações
Provocam situações
Despertam interesses
Aguçam os sentidos

Lançam mão de todos os meios para o reencontro de almas que necessitam sob o mesmo teto conviver, entrelaçadas, para que possam resgatar as faltas passadas.

Espíritos inimigos peçados de faltas, e ações menos dignas, são impelidos uns para os outros, a fim de que juntos, após preparos prévios no “*Espaço*” venham se libertar do ódio, das mágoas, das torturas morais, dos deslizes.

Relâmpagos de reminiscências, por vezes provocados por essas mesmas forças, como atos experimentais, iluminam o palco do lar descerrando as cortinas da *revivescência*, deixando que os quadros passados se estampem com todos o seu cortejo de horrores ou atos dignos.

Nesses instantes, os seus componentes, artistas do palco da vida, se estremecem e dão provas das suas capacidades evolutivas – Deixando que as lágrimas das torturas morais afoguem as suas dores, demonstrando perdão e conseqüente melhoramento, ou se deixam empolgar pelos antigos atos e ações repentinas, demonstrando revolta ante o inimigo presente, o algoz que convive sob o mesmo teto.

Esposos e esposas, filhos e netos; - Parentes por vezes, ante aqueles quadros que lhe são apresentados em determinadas contingências da vida – Ou se unem ainda mais, pela compreensão mútua de necessidade de perdoar, para evoluir, ou se chocam destruindo o lar com conseqüente falha de mais uma existência terrena.

Ou se elevam na escala da perfeição, ou demonstram que ainda não se acham preparados para a ascensão a que estamos todos sujeitos.

Alguns componentes de um lar tudo fazem e a tudo se submetem para que as explosões não destruam a afinidade, a paz e a tranqüilidade do conjunto.

São por vezes, espíritos amigos, elevados e desprendidos, que reencarnam naquele lar com a finalidade de forçar e manter a união entre todos.

Cumprem sublimes missões.

Se todos os componentes de um lar pudessem vislumbrar essas verdades Divinas procurariam apesar de todos os acontecimentos desagradáveis, manter a harmonia e deixar que o perdão sobrepaire a todos os acontecimentos desagradáveis.

Se pudessem vislumbrar essas verdades, sob pena de torturas, mágoas e desassossegos, jamais se desesperariam contribuindo para a eclosão e conseqüente repetição daquilo que os impeliram para a nova reencarnação sob o mesmo teto.

Evitariam demonstrações de desconfiança, orgulho, vaidade, prepotência, curiosidade, ciúme, crítica; fatores de destruição que desagrega, substituindo-os pelas demonstrações de amizade, carinho, simplicidade, confiança, amparo, estímulo; fatores de soerguimento moral que sublimam.

Nos momentos de alegria sorriam juntos.

Nas desventuras se uniriam, ainda mais, para que melhor enfrentasse as vicissitudes da vida.

As esposas representariam o estímulo para o trabalho dignificante; os esposos motivos de orgulho para as maiores concretizações; os filhos os elos poderosos a resguardarem mais e mais o convívio amigo e sacrossanto.

Tudo depende por vezes de uma palavra amiga, de um conselho sincero.

Havíamos sido chamados com urgência, em uma fazenda do estado de São Paulo, bastante retirada de Uberaba.

Devido a pequenos e comuns acidentes de automóveis só chegamos altas horas da noite.

Após ver, examinar e medicar o enfermo reunimo-nos em vasta varanda da casa da fazenda e, prosa agradável, não sentimos o passar as horas, e só despertamos com a claridade do dia que recomeçava seu ciclo.

Ligeiro repouso para a volta, um lanche e as despedidas.

A alegria e a felicidade daquela família proporcionavam um ambiente tão agradável para todos, que representavam uma espécie de oásis de paz e tranqüilidade espiritual.

O chefe da família, ancião, curvado pelo peso dos anos, vitimado por um derrame cerebral, a anos sofria as torturas de uma paralisia, vivendo numa cadeira de rodas. A esposa já de idade, mas ativa e diligente, era a que dava mais alegria à casa.

Três filhos, já homens, é que superintendiam todos os serviços da fazenda, cada qual encarregado de um setor, na parte da agricultura, criação de gado, plantação de café.

Duas filhas, moças, solteiras, auxiliavam a mãe nos serviços caseiros e trabalhavam intensamente no serviço de fabricação de queijo, manteiga, farinha e criação de aves.

Para homens e mulheres o trabalho era intenso e muitos se condoíam daquelas criaturas jovens e moças, a se estiolarem num lugar tão longe dos centros de divertimento.

Os velhos se viam rodeado de tanto carinho que as suas idades desapareceriam, ante a alegria da moça, os risos felizes e as brincadeiras contínuas dos filhos.

Quando o velhos nos viu, os seus olhos se orvalharam de lágrimas que caíam sacudidas pelos soluços.

Por que?

Alguns anos antes um amigo trouxera-o de automóvel até Uberaba, a fim de interná-lo no sanatório.

Já bastante paralisado do lado esquerdo, completo definhamento orgânico, maltratado, um molambo humano, quase carregado nos braços possantes de seu auxiliar.

Auxiliado pelo companheiro, com dificuldade extrema, foi desenrolando os acontecimentos da vida.

À custa de trabalhos intensos e contínuos, economia que chegava á raia da miséria, foi aumentando aos poucos, o seu trato de terra, suas plantações criações.

À proporção que os filhos cresciam, notava por parte de todos, o ódio e o desprezo contra ele.

Já possuidor de fortuna regular, envolveu-se com uma criatura de vida livre em suas viagens constantes, a transformação de vida produziram desconfianças na família.

Descoberto foi abandonado pela esposa e filhos.

Propriedades entregues a posseiros, aos poucos se tornaram abandonadas, caindo em ruínas.

Entregue à nova vida com a amante, pouco ligava aos seus interesses. Desgosto com a família que constituíra, advogado para uma possível repartição de terras, continuamente atormentado por dívidas que se iam acumulando, e abandonado pela amante que nada mais podia usufruir, entregou-se ao álcool vivendo isolado na fazenda, sem atividade, desencorajado.

Logo depois, um derrame cerebral com conseqüente paralisia, acabou por ensombrar mais ainda os seus dias.

Cansado de sofrer, desejava agora um recanto no sanatório, á espera de um desencarne menos amargo.

Caso incurável e não se enquadrando nas finalidades da casa, não nos foi possível atender ao seu pedido, mas não o abandonamos, tomando providências precisas para sua tranqüilidade.

Por intermédio de seu companheiro, soubemos que um filho tinha idéias espíritas.

Localizado, conseguimos que viesse até nós e assim nos foi possível completar o estudo para aquele fim de vida tão pelejado de torturas e sofrimentos morais.

Doutor, a nossa vida na família sempre decorreu de uma influência terrível. Lutas, ódios, medos, terror e desconfianças recíprocas...

Nosso pai trocou o princípio de economia pelo de miserabilidade.

Nossa mãe e irmãs sempre na cozinha às voltas com os trabalhos domésticos.

Nós rapazes, nas duras lidas do campo, pelejando de madrugada até o amanhecer,

Nenhum de nós tinha permissão para gastos de nenhuma espécie, chegando ao ponto de milionários, não termos o que vestir e mesmo andando descalços.

Aprendemos a ler com esforço próprio, auxiliados pela nossa mãe, Regime de verdadeira escravatura na fazenda, sem auxiliares. Não podiam ser admitidos para não gastar com ordenados.

Doenças?

Somente às escondidas nos era possível gastar com algum medicamento de maior urgência. Uma das minhas irmãs inúmeras vezes após receber admoestações de nosso pai era possuída de verdadeiras crises nervosas, falando, xingando, e por vezes, chegando mesmo até a avançar contra ele. Suportando tudo isso á espera de dias melhores, até que chegou ao nosso conhecimento a existência de uma amante na vida de nosso pai.

Na verdade, pretextando fazer negócios e depósitos bancários, viajava sempre para São Paulo, mas essas viagens eram motivadas por chamadas contínuas da mulher, quando necessitava de dinheiro.

Indignados, nos afastamos de casa porque ele ameaçava matar todos, se continuássemos a tocar no assunto.

Minha mãe seguiu com as minhas irmãs para a casa de parentes e vivia ameaçada por recusar a assinar papéis para a venda das terras.

Eu e meu irmão, sem nada, vivíamos nas fazendas de outros, pegando empreitadas, para podermos viver e manter nossa mãe e irmãs.

Esperávamos que com essa atitude, ele se modificasse.
Foi pior porque intensificou os gastos, envolvendo-se em orgias e, com essas tornando-se um viciado em álcool.

A fazenda, abandonada nada mais produzia, pois como terra de ninguém tudo era roubado.

Interferências amigas de nada valeram.
Procuramos advogados, a fim de assegurar os nossos direitos, antes que tudo fosse tragado pelos aproveitadores.

Esse nosso gesto foi recebido por ele com ódio e ameaças.

Tudo corria dentro dos trâmites legais, quando soubemos que abandonado pela amante, enfermo, quase paralítico, vivia passando até mesmo privações.

Suspendemos todas as atividades forenses e estamos estudando o caso.
Abandoná-lo? Volta?

Dois dias após em um trabalho de curas, completamente diferente dessa finalidade, uma sombra amiga, após um preâmbulo belíssimo sobre a *vida moderna* destruidora de *Lares*, assim nos revelou o origem de toda essa tragédia.

Ele nascera na Espanha. Ainda moço foi para a Alemanha onde trabalhou em minas de carvão.

Casou-se já de idade, com uma senhora do seu país de origem, possuidora de regular fortuna, conseqüente do aluguel de propriedades.

Tiveram dois filhos e duas filhas, os mesmos da atualidade.

Saindo do estado de quase miséria porque o emprego pouco lhe rendia, para um estado de abundância, vivia mais em Viena, pouco ligando à família e à qual procurava somente quando tinha necessidade para cobrar os gastos de suas orgias.

Filhos já com a idade de 9 a 17 anos, a esposa recusava a atendê-lo, mesmo porque pouco sobrava para a educação dos filhos.

Voltou para o convívio da família com idéias pré-concebidas, procurando desfazer-se da esposa, envenenando-a lentamente.

Consegui seu objetivo, e em pouco tempo, malbaratou o resto da fortuna. Verdadeiro algoz dos filhos, além de usufruir dos poucos recursos que os obrigava a adquirir, sempre embriagado tentou ainda violentar umas das filhas, que ficou bastante ferida.

Socorrida por vizinhos, foi internada em uma das enfermarias para indigentes, onde esteve durante muito tempo entre a vida e a morte devido o organismo bastante depauperado.

Tendo sido o país envolvido em guerra, quando voltou não encontrou mais os irmãos e, na antiga residência vazia, lembrou a vida passada, vida de amarguras e desenganos, e sofreu terrível crise nervosa ao lhe vir à mente a luta que sustentara com o pai embriagado e, ainda uma vez, o amaldiçoou.

Para evitar a repetição das tragédias passadas e, talvez, desventuras maiores ainda, para todos, interveio a providência, cerceando em parte, a sua atividade física e mental, a fim de que pudesse, na desventura, saber algo do carinho e do amparo.

Permitiu que o alcoolismo, ao qual se entregara, fosse corroendo o seu organismo, e, como resultado a hemiplegia, a afasia, a abulia, a inatividade completa, não permitindo que, autocrítica decaída, continuasse a esfacelar o lar.

Por que chorou ante a nossa presença?

Autoscopia interna, auto-acusação ante o espelho psíquico, rememorando naquele minuto as suas noturnas peregrinações solitária, triste, com o espírito deprimido pelo sofrimento.

Solitário?

Não. Naturalmente lhe fazia companhia a memória retentiva, reavivando as recordações do passado quando, desprezando as conveniências e escrúpulos não soube ser esposo e pai.

Não nos impressionamos com o seu pranto e o seu soluço, porque aquelas lágrimas representavam os destroços do naufrágio dos acontecimentos que se foram e aos quais se apegava, agora, como demonstrações de arrependimento.

Vendo e sentindo todos ao seu redor, com demonstrações de carinho e amizade, nos sentimos felizes por pressentir que aquelas percepções finais na sua vida, naquele instante, ficariam impregnadas no seu subconsciente e constituiriam fatores predisponentes para modificações dos seus instintos em futuras reencarnações.

Tragédias assim acontecem no mundo inteiro.

Intervêm a psicologia, a teologia, a teosofia; intervêm as religiões; intervêm a medicina.

Por que a esposa, sentindo a derrocada da família, recusou assinar papéis para a venda da propriedade, a fim de salvaguardar o patrimônio dos filhos?

Simplesmente porque os relâmpagos produzidos por essas forças desconhecidas, mas divinas, por vezes iluminavam o campo de suas recordações e lembravam o patrimônio que, inadvertidamente, lhe entregara aos poucos para serem consumidos em orgias, sacrificando o futuro de seus filhos.

Por que a filha demonstrando exagero de emotividade, quando admoestada, se tornava furiosa, incapaz de controlar seus nervos e vociferava contra o pai, requerendo intervenção de todos?

Simplesmente porque possuidora de forte receptividade psíquica, reconhecia naquela voz e fisionomia, o mesmo timbre e as mesmas características, que ficaram gravadas no perispírito, quando sofreu da parte dele violências físicas e torturas morais em uma de suas reencarnações.

Os filhos enfraquecidos pelas torturas morais do desprazer, no lar e na sociedade, com sensação de desânimo, decepção, convicção de inutilidade para o trabalho, abatidos e alquebrados, pelas emoções intensas e abalos morais coadjuvados, divisaram as recordações passadas, presentindo em seu pai atual o mesmo que em vida física passada procurava usufruir de seus esforços.

Sentindo-se espoliados ainda uma vez, resolveram tudo abandonar, e procurar em outras plagas, a recompensa de seu trabalho.

Lembranças, reminiscências de um pretérito pontilhado de desassossegos, produzidos por um só personagem, surgiam como atos reflexos para nova destruição de um *lar*.

Explicações simplesmente admiráveis, e que servirão de base, para a terapêutica psiquiátrica do futuro.

Sim, porque a fonte dadivosa, boa e inesgotável da *Reencarnação* irá buscar os medicamentos precisos para sua diretriz futura.

Pronto esse capítulo para futuras publicações, entregamos uma cópia para o filho que aceitava o ensinamento Kardequiano.

Reunida a família iluminada pela compreensão Divina, viu e sentiu, no velho chefe o espírito desamparado que se achava á espera de alguém para ampará-lo, preparando-o para futuras reencarnações menos agitadas.

Os filhos voltaram a seus campos.

As filhas aos afazeres domésticos.

Em pouco tempo as dívidas foram pagas, e o progresso material desfraldou naquele trato de terra a bandeira da fartura.

Também o perdão permitiu que se quebrassem as algemas do ódio e das mágoas, cingindo todos em um amplexo único, permitindo que a atmosfera irrespirável de outrora fosse substituída por uma ambiente de paz e felicidade que fomos encontrar.

Um lar feliz.

Psiquiatria! Psiquiatria!

Ainda não percebe o marulhar da fonte da *Reencarnação*?

Ela lhe fornecerá a água viva para as manipulações capazes de, bem indicadas, melhorar o equilíbrio psíquico dos indivíduos, evitando milhares de causas capazes de desfazer os lares e abalar as sociedades, proporcionando-lhes mais ponderação, mais reflexão, autocontrole para evitar os conflitos e os desentendimentos que o orgulho a incompreensão e o egoísmo procuram dominar na época em que vivemos, obrigando a milhões de criaturas a recorrer aos seus cuidados.

RECALQUES DO PASSADO

Entramos no cenário da vida impelidos pelos próprios fatores concernentes aos atos passados.

Lembranças estereotipadas se armazenam em nosso perispírito, representando impulsos bons ou maus, que se revelam a cada passo na vida presente, à proporção que os acontecimentos cotidianos, quais clarões passageiros iluminam o passado deixando-nos entrever as passagens que ficaram impressas em nossa imaginação, passagens que marcaram acontecimentos primordiais em nossa marcha evolutiva.

Um acontecimento idêntico no presente, uma frase, um gesto, uma palavra apenas, constituem o rastilho para provocar a eclosão de uma lembrança pregressa.

Um clarão súbito ilumina o acontecimento e ele aflora, como um quadro vivo produzindo a mesma reação antiga.

Nestes instantes, em segundos, por vezes, ou refreamos os nossos impulsos quando maus, conquistando mais um grau para a evolução, ou nos deixamos dominar, repetindo os mesmo atos e as mesmas reações que nos trazem e nos proporcionam as mesmas conseqüências desagradáveis que nos forçaram a reencarnar para resgate daquela dívida.

Forças poderosas nos encaminham para o lado daqueles dos quais temos necessidade de demonstrar os nossos princípios evolutivos.

Na presença de alguém que nos feriu profundamente e cujos atos indignos amarguraram a nossa existência, nos é permitido demonstrar a reação do momento ante a lembrança que aflora – Ou o perdão que eleva ou o ódio e a lembrança que degrada.

Ante o clarão, que forças ainda desconhecidas dissipam as brumas do passado, iluminando os quadros que dormitam em nossa lembranças, os nossos impulsos se manifestam impelindo-nos para o crime – Cometimento de atos menos dignos, ou revelam o poder de nossa fé, esperança, e de nossa transformação no longo peregrinar na vida terrena.

Ou o impulso animalizado que obriga a novas caminhadas ou o impulso da compreensão divina que pregou e exemplificou o perdão a humildade.

Nesses segundos reveladores ou daremos um passo para o aperfeiçoamento ou paralisamos na escala evolutiva, perdendo as oportunidades que se nos oferecem.

Na sociedade esses segundos proporcionam inúmeras tragédias nos lares, ou servem de elos que estreitam amizades transformando vidas, proporcionando paz e felicidade em mútuas compreensões para o cumprimento das diretrizes Divinas ou, então, servem para quebrar os grilhões do entendimento, para desequilibrar as leis de afinidade, provocando os mesmos fatos progressos, as mesmas tragédias, massacrando, desfazendo felicidades.

Para a medicina – A desorientação de diagnósticos com as respectivas terapêuticas, porque ignorando as origens das causas concretas, se perdem um labirinto de criações imaginárias, incapazes de atenuar os impulsos e as desconfiças.

Teorias e mais teorias, tratados e compêndios, farmacologia enriquecida, aparelhagem que sonda o organismo, poderio dos laboratórios com pesquisas e análises, - Todas as fontes de gastos que sacrificam, se sentem impotentes ante esta barreira – *A Reencarnação* – A verdadeira fonte, a verdadeira causa capaz de estabelecer o diagnóstico, a terapêutica e o prognóstico, para conjurar os milhares, os milhões de desentendimentos dos Lares.

Uma frase, um gesto, uma palavra, constituem o rastilho para provocar a eclosão de uma lembrança passada.

Era um lar composto de pai, mãe, e um casal de filhos.

Possuidora de grande fortuna material, se entregavam à vida fútil das convenções sociais, deixando os filhos aos cuidados dos serviçais, abandonados do carinho materno.

Aos poucos os elos afetivos se foram destruindo, e os deslizes de ambos os cônjuges saíram à tona mormente por parte da esposa que, descuidada do lar e da prole, se desviou da conduta digna que deveria manter como esposa e mãe.

Questiúnculas e discussões tirou a filha dos cuidados da tia, levando-a para o novo lar onde vivia em companhia do amante.

À proporção que se passaram os anos, a menina se tornou moça e, entendimento desperto, sentiu toda a sua desventura. Noiva, sentiu-se repudiada pela família do noivo e num gesto de desespero, orgulho, decepção, suicidou-se aos dezenove anos de idade.

O irmão, revoltado, tornou-se um boêmio, entregando-se ao vício da embriagues, acabando assim o desmoronar do lar e da família. Tiveram algumas existências intermediárias e vieram, agora, na presente reencarnação se reunir novamente.

A princípio lutando com dificuldades financeiras conseguiram manter a paz no lar em formação, mas, no decorrer do tempo, as reminiscências do passado foram surgindo.

Vieram os primeiros desentendimentos entre o casal já agora com cinco filhos.

A mais velha revelando grande interesse pelos estudos num desejo imenso de subtrair-se daquela situação humilde de família pobre.

O segundo filho já se revelando um revoltado, por vezes clamando pela justiça de Deus, por ver muitas vezes uma tia milionária, com um só filho e eles lutando com tantos sacrifícios.

Tendo na família espíritas convictos, procuraram no espiritismo algo que lhes amenizasse a desarmonia já iniciada.

Firmaram as suas convicções no espiritismo, chegando mesmo a obter, tranqüilidade no lar, mas, aos poucos, foram deixando os centros bem orientados para assistirem às reuniões anímicas, incapazes de ampará-los e orientá-los. – Comunicações frívolas sem nada de substancial para o alimento daquelas almas enfermas e desorientadas.

Não deixava de haver boa vontade em espalhar os grandes ensinamentos do Senhor, mas, manifestações as mais das vezes anímicas e deficientes, não puderam destruir as dúvidas, que as reminiscências do passado vieram despertar.

Volta o passado influir de tal modo no pensamento que já não contém os impulsos de ódio e indiferença pela esposa, chegando, mesmo a duvidar da sua honestidade.

Deixa a família em busca de trabalho em uma fazenda, premeditadamente vindo altas horas da noite, vigiar o lar à espera de um flagrante.

Entidades amigas, principalmente o espírito de sua mãe e de uma tia que foram espíritas, prevendo a grande tragédia que o ciúme doentio poderia causar pela reminiscência do passado, procuraram se manifestar fazendo chegar às suas mãos duas mensagens – A ela, aconselhando a tomar a maior prudência que o caso exigia. A ele, advertindo-o sobre o erro que estava praticando.

A tragédia não se consumou. Foi evitada, mas as reminiscências do pretérito explodiram e a pretexto de tratamento de saúde, deixa o lar e vai residir em uma cidade em Goiás, ficando a esposa sem proteção moral e financeira.

O filho, revoltado, sem diretrizes seguras, é a máxima preocupação da mãe que presente a volta de uma vida de orgias e vícios.

A filha, por sua vez, já noiva, sentindo a desarmonia no lar, pressentindo qualquer reação por parte da família do noivo – Repetição de acontecimentos de vidas pregressas – Desfez o noivado e afastou-se da sociedade.

A pobre mãe, ainda integrada na doutrina, amparada pela fé e amparada por amigos espirituais, continua mantendo a conduta moral no afã de evoluir e exemplificar os filhos.

Chora por ver o filho afastando-se aos poucos do caminho do bem.

Confrange-lhe a alma por perceber por parte da filha admoestações, culpando-lhe da sua desdita – Renúncia ao noivo e afastamento da sociedade.

Explosão de recalques anímicos; saturações do pensamento com idéias que se estereotiparam; manifestações levianas em trabalhos particulares serviram de rastilho para que o subconsciente atormentado despertasse, pejado de pensamentos e atos reflexos do pretérito. Falta de vigilância e enfraquecendo a resistência psíquica, deixando-se prejudicar ainda mais.

Resultado: Voltam ao mundo espiritual, a fim de se prepararem para futuras caminhadas, enquanto neste restante de vida terrena prosseguirão a jornada, desorientados como viajantes de nau desarvorada.

Pela psiquiatria Divina tenta-se ainda a reconstituição desse lar.

O conhecimento, embora superficial da doutrina, servirá de base e terapêutica para novas tentativas de reconciliação.

Com o perpassar do tempo, espíritos amadurecidos, corpos com os conseqüentes desgastes da matéria, combalidos, na última hora, lembranças mais nítidas, poderão reunir-se, apesar de tudo, até mesmo com mais merecimento, terminando assim o ciclo de resgate de um passado tão atribulado.

A psiquiatria Divina baseada em fatores sólidos poderá realizar alguma coisa.

A psiquiatria humana, material, ainda uma vez se sentirá impotente ante os túmulos que guardam o pó, o nada, o fim, na sua concepção materialista.

Incapaz de se livrar dos acontecimentos do palco da vida terrena, liberando-se para os páramos divinos em novos mundos no *espaço*, cinge os seus conhecimentos e poderes, tornando-se incapaz de continuar dissecando vidas passadas, fatores essenciais resultantes para os conhecimentos presentes.

Reencarnação – Eis o tratado onde encontrará o *porquê* dos sofrimentos humanos e a terapêutica Sublime para a sua finalidade:
Curar e lenir as dores e sofrimentos.

EXPIAÇÃO

Nem todos os lares são formados por espíritos que se reúnem atraídos por questões passadas entre eles.

Muitos atraídos por afinidades pessoais em uma ou várias existências aqui se reencontram para, juntos resgatarem dívidas recíprocas. Por vezes essas afinidades e necessidades de resgate não existem, entre eles.

A fim de pagarem por si mesmos, faltas pessoais, são submetidos a reencarnações que poderíamos denominar de preparatórias, e durante os quais sofrem tormentos contínuos, passando por uma vida de provações, capazes de dominarem os defeitos e inclinações adquiridos através de vidas sucessivas e que se entranham tão profundamente em seus perispíritos que nenhum conselho, razão desperta ou raciocínio foram capazes de modificar.

Possuem também a finalidade de servir como instrumentos de tortura, como provações para outros encarnados a que a eles se ligam, a fim de que sofrimentos reflexos sejam capazes de despertar-lhes, também sentimentos melhores.

Se forças poderosas agem para a consolidação dos lares onde os sentimentos amadurecidos os amparam, também permitem que as inclinações para o mal se cumpram, facilitando-as, até mesmo, a fim de que as conseqüências se façam sentir mais rápido, e com elas, melhores propósitos de regeneração.

Um descuidado que sentiu o choque da eletricidade dificilmente repetirá o ato; um condenado por um crime qualquer, não o cometerá o mesmo erro uma segunda vez com tanta facilidade.

Para os recalcitrantes, para aqueles que voltam ao erro apesar das circunstâncias pelas quais passaram e pretendem praticar outras vezes, ainda, essas mesmas forças poderosas impelem e facilitam, mesmo, torturas maiores até o esfalfamento com o propósito de, acumulando sofrimentos, apressar a caminhada.

Neles ainda existe possibilidade de regeneração, motivos pelo qual são impelidos a colher, mais depressa o resultado da sementeira.

Os persistentes se regenerarão por outros meios, em outros mundos, onde as condições de vida se acham nos primórdios.

Na história daquele casal de velhos, pressentimos mais um caso para nossas observações, porém, jamais pensávamos em mais um ensinamento.

Ele com 72 anos de idade.

Ela, com 64.

Vinham até nós pedir interferência junto de autoridades policiais e políticas para dois filhos: - Um, foragido, sem notícias a dois anos, e para o qual desejavam a complacência, atenuando a perseguição tenaz, a fim de que pudessem ver o filho, ainda uma vez na vida; o outro que se achava, em casa, louco, acorrentado, vivendo em uma quase pocilga, a transferência para um sanatório onde pudesse desfrutar de mais conforto.

Além deles uma nora desvirtuada, perdida no torvelinho do mundo.

Para si nada desejavam. O sofrimento havia sido tanto na vida, que dispensavam a proteção de Deus e o auxílio da medicina, tanto que a morte naquela idade, com tantas preocupações e tormentos, representavam um verdadeiro alívio.

Viviam sós na fazenda, bastante retirada, quase tudo no abandono, ouvindo, dia e noite, os gritos e gemidos, e as lamentações do filho.

Por vezes alguns vultos rondando pelas suas terras e nos quais pressentiam policiais, à procura do outro filho.

Em cada canto e objeto, a lembrança daquele que, indiferente aos seus tormentos e idade, tudo abandonara.

Parece mesmo que uma rajada de desventura havia assolado o campo das suas vidas destruindo tudo aquilo que procuraram levantar para o repouso das suas velhices – Esperança nos filhos, amparo junto à nora, alegria com os netos futuros, embalados pela paz e tranqüilidade.

Na verdade a situação era bastante desagradável, e nada mais representava para nós, do que as contínuas tragédias dos lares, espíritos reencarnados, viajores à procura de redenção.

Quais os motivos que atormentavam a vida daquelas criaturas, que viviam agora, no campo das preocupações morais, colhendo os produtos das suas sementeiras.

Deveriam ser bem fortes, porque até mesmo da Justiça Divina, nada mais esperavam.

Feito o pedido para nossas observações, assim ouvimos:

Possuíam uma fazenda por herança, onde viviam ele, a esposa e dois filhos. Era um lar onde imperavam o egoísmo, a maldade e a inatividade.

Arrendavam suas terras a várias famílias e essas, após um trabalho estafante, se alegravam a espera de colher os frutos o seu esforço, plantações e criações, ambos instigavam os filhos a expulsá-los, não lhes permitindo levar nada e tudo faziam com requintes de maldade, indiferentes aos rogos, ao choro, à situação precária em que se viam envolvidas.

Fortes, maus, instigados pelos velhos, os rapazes cometiam os maiores absurdos contra aqueles infelizes, certos de que nenhum teria coragem de levar, perante a justiça, as suas reivindicações. Afastavam-se temerosos, impotentes, sofrendo humilhações, dormindo ao relento e passando fome até que pudessem arranjar novo serviço.

Os velhos e os filhos exultavam com os novos lucros e nenhum vislumbre de arrependimento ensombrevam os seus corações.

Um dos últimos a ser expulso reagiu.
Foi assassinado por um dos rapazes.

Uma filha sob gargalhadas e ditos brejeiros, infelicitada pelo outro.
Atearam fogo ao casebre e os demais da família, esposas e duas crianças soltas pelo mundo.

Após reencarnações intermediárias, aqui se acham de novo em expiações e provações.

Novamente entregues à exploração de terras, mas já submetidos à civilização; tempos diferentes daqueles em que a lei amparava o rico e poderoso, nada ou quase nada conseguiram materialmente, porque os novos mandatários não se deixavam explorar e eles ainda conservam o vício da indolência.

Um filho foragido, inocente, mas sofrendo uma perseguição tenaz e caso interessante para observação:

Em reencarnação passada fora profissional, caçador de negros escravos foragidos. Sempre muito bem armado e montado, recebia régia paga para capturá-los.

Forte, mau, impiedoso, conhecedor profundo dos sertões, se comprazia em perseguir, encontrar e apresentar aqueles infelizes para sofrerem castigos impiedosos.

O que lhe agradava, sobretudo, era ver a correria daquelas criaturas escravizadas, os seus gestos, as suas posições, a fisionomia desfeita pelo terror, quando encontradas.

A maldade era tão grande que chegava a soltá-las para, na recaptura gozar daquele espetáculo.

Agora, também foragido, evitando cidades e povoações, vive pelos matos e pelas tocas, curtindo privações.

O mal por ele praticado não tem a extensão que julga e poderia muito bem ser remediado.

Acontece, porém, que uma falange de pretos chefiados por alguns dos antigos escravos por ele perseguido, lhe incutem dia e noite, sem descanso,

idéias de culpas tremendas, tão pavorosas, horríveis, que não se arrisca a enfrentar a justiça dos homens.

Medo, terror, fisionomia transtornada, inquietação, instabilidade, eis o resultado da sua provação passando pelos mesmos estados de alma que fez passar e sofrer os seus semelhantes.

O filho, louco e encarcerado, veio expiar o crime praticado, assassino sem punição das leis humanas.

A nora transviada, da qual não teve mais notícias, um espírito em provação expiando os erros do progresso, cheio de deslizes, e servir ao mesmo tempo, de expiação para os velhos que se acham em preparativos para futuros resgates.

Sim, expiação, porque, no filho foragido sentem, agora, as mesmas inquietações, mesmas angústias, mesmos cuidados e mesmas saudades que a indiferença causou em tantas famílias.

No louco que precisam amparar, a tortura auditiva relembrando-lhes as imprecações e o pranto convulsivo daqueles que se viram expulsos e expoliados.

Na atitude da nora, a revolta íntima, o orgulho ofendido, a mágoa, a dor que sentiram os pais daqueles que perderam também vitimados pelos filhos por eles açulados.

Como espectadores desses fatos, no isolamento dos campos, sozinhos, engolfados nas desventuras sucessivas, espíritos mais libertos da matéria já gasta, envelhecida, melhor podem receber os eflúvios benéficos que as falanges recuperadoras procuram incutir-lhes no perispírito.

Em suas horas de ócio, em suas noites longas, atrozes, como não devem sentir e chorar acontecimentos tão atrozes, amargos, inexoráveis!

Naturalmente pediram muito a Deus, mas a incompreensão humana ainda não percebe que a melhor dádiva de Deus não consiste na obtenção daquilo que o egoísmo deseja – Está, sim, na possibilidade de expiação, vendo o sentimento em si mesmo, aquilo que não se deve desejar aos outros.

Cada lágrima que aflora aos olhos, no período de expiação, representa uma dívida que se apaga na página das vidas sucessivas.

Em todos esses casos, a justiça dos homens, o ouro material, a maleabilidade política, nada mais poderia fazer ali porque a justiça Divina se fazia sentir proporcionando a eles oportunidade de resgate daquilo que ficaram devendo e meios de colherem aquilo que haviam plantado.

Naturalmente em próximas reencarnações, estarão aptos a formar novos lares nos quais as lembranças do passado estereotipadas no psiquismo, servirão de escudo contra os sentimentos menos dignos, alicerce onde a sentinela da vigilância não permitirá as mesmas quedas e a repetição dos mesmos erros.

O lar constituído e desfeito pelos granizos das próprias tempestades por eles formados, mas, recebendo, ao mesmo tempo, não a terapêutica humana mas sim a terapêutica Divina por intermédios dos medicamentos da dor, da angústia e das torturas morais, os eflúvios regeneradores, antídoto para combater o veneno das ações e atos menos dignos.

Quais seriam para a psiquiatria o diagnóstico para:

O louco e encarcerado?

O foragido da justiça?

A nora transviada?

Os velhos espectadores de desventuras, desses dramas de família?

Muito diversos e desorientados porque somente os princípios da *Reencarnação* podem fornecer os conhecimentos para as causas predisponentes, a fim de melhor estabelecer o diagnóstico para aquelas torturas morais e físicas.

O mais são conceitos e teorias ainda uma vez esbarrando-se ao encontro dos túmulos, incapazes de reconstituir aquele lar e proporcionar tranqüilidade, como tantos outros que ainda existem, no presente, esquecidos das leis divinas por se acharem amparados pela leis humanas.

O FILHO REPUDIADO

Apesar dos séculos que nos distanciam na história dos povos e das nações primitivas, milhares de espíritos convivem conosco mantendo os princípios de orgulho e de vaidade impregnados pelos costumes e educação antigos e que várias reencarnações não foram o bastante para atenuar.

Reis, imperadores, senhores feudais, ricos, poderosos, acastelados na fortuna e princípios de casta e sangue, educavam a sua prole dentro dos mesmos princípios, isolando-a da plebe escrava, cujas vidas dispunham à vontade.

Justiça?

Somente a mais do mais forte ou a do coração.
Juizes e tribunais obedeciam às imposições, jamais as leis.

Educados e exemplificados naqueles princípios, milhões de espíritos vêm, através dos séculos, sofrendo as conseqüências daqueles sentimentos que se lhes inculcaram, passando por sucessivas reencarnações sob o látego das torturas morais, da dor, da desventura e da miséria, e somente aos poucos conseguem ir apagando os vestígios dos sentimentos e costumes bárbaros.

Só mesmo quem se acha acostumado a atravessar os túmulos e acompanhar, através das vidas sucessivas dos seus semelhantes, a procura das origens e das causas atuais das desventuras, é capaz de sentir todo horror dos ensinamentos malsãos que os costumes de um povo inculca na sua mocidade

Milhões de espíritos ainda convivem em nossos dias sentindo no perispírito os exemplos da rígida educação que receberam, do orgulho, da vaidade, do amor ferido, da honra, do sentimento de grandeza.

O decorrer dos séculos não foi o bastante para modificar os ensinamentos do passado.

São espíritos sofredores que passam pela vida sem instantes de paz, tranqüilidade e felicidade.

Resistindo à marcha da civilização, não podem admitir a humildade, o perdão e a igualdade.

Revoltas íntimas os torturam, e obrigados pelas leis e costumes, vivem em contínuos sofrimentos e desesperos.

Por não lhes ser possível dar vazão aos sentimentos que ainda vivem latentes no subconsciente.

Um país deve cuidar da educação da sua infância e da sua mocidade sob pena de receber o reflexo futuro do seu descuido.

Telefonaram de uma casa de saúde pedindo lugar no sanatório onde trabalhamos. Lá se achava há cinco dias, uma senhora em observação – Ligeiro distúrbio nervoso em consequência da gravidez. – Terceiro mês.

Repentinamente tornou-se agitada, inquieta, produzindo distúrbios e conseqüentemente impossibilitada de lá permanecer entre o recém-operados.

Internada submetemo-la aos exames necessários, constatando, risos e prantos imotivados, fases intermitentes de agitação e depressão, alucinações visuais, demonstrando cólera, desejos de auto e hetero eliminação.

Por informes do Espaço, soubemos estar casada a cinco anos possuindo uma filha de três anos.

Vida perfeitamente feliz no lar, em companhia do esposo, filha e tia, sem que jamais houvesse algo de dúvidas, incertezas e mágoas.

De três meses a essa data dava demonstrações de irritabilidade, desassossego, alimentando-se pouco e passando noites insones.

Várias consultas médicas e conseqüente terapêutica baseada em distúrbios nervosos, naturais, conseqüentes da gravidez.

Com o perpassar dos dias os sintomas foram se acentuando, a ponto de requerer maiores cuidados, culminando no seu internamento na casa de saúde com a possibilidade de intervenção abortiva.

Já havia decisão favorável à intervenção cirúrgica quando os sintomas alarmantes se fizeram sentir, requerendo uma internação no sanatório.

As melhoras se foram acentuando de tal maneira que dentro em pouco nada mais sentia, a não ser vez ou outra, um pranto convulsivo e, raramente, ligeiras demonstrações de impaciência e inquietação. Voltou para o lar onde, rodeada pelo carinho dos seus, se ocupava com ligeiros entretenimentos enquanto se processava o estado de gestação, sem contudo deixar as crises passageiras.

Após o parto, as crises recrudesceram e com grande sentimento de todos, em cuja presença ou mesmo o choro, lhe provocava verdadeiros acessos de fúria, pranto, risos, alucinações, frases incoerentes, sem sentido.

Desorientados com os diversos diagnósticos médicos, cada um dando uma causa diferente aos distúrbios psíquicos, fomos procurados novamente para a internação da enferma no sanatório.

Após o exame preliminar demos ordens de internação e, no dia seguinte, com surpresa, fomos encontrá-la completamente modificada – Fisionomia alegre e completamente tranqüila; os seios entumecidos pelo fluxo lácteo era extraído pela enfermeira sem que a paciente demonstrasse relutância, chegando mesmo a demonstrar alegria quando o leite era posto para fora, fato que não passou despercebido pela nossa observação que mais se acentuou quando a enfermeira nos chamou a atenção para que observássemos o contentamento da paciente diante da afirmativa de que dentro de dois dias, o leite desapareceria de todo.

Realmente algo de anormal ali existia não permitindo aceitássemos como gesto de resignação, mas sim indiferentismo de uma mãe pelo filhinho recém nascido.

Os sintomas de desequilíbrio mental tinham desaparecido por completo e nenhuma crise se manifestou nos dias conseqüentes.

Seus atos eram perfeitamente normais, demonstrando memória e raciocínio, lembrando lar, esposo, filha, parentes e amigos, mas nenhuma palavra sobre o filhinho que ficara com a tia, aumentando assim a nossa desconfiança a respeito de tragédias do passado.

Não foi surpresa, porquanto, quando transmitindo notícias da próxima visita do esposo, época que aproveitaríamos para a sua alta, ela, a paciente,

nos respondeu: - “Só regressarei ao meu lar com a condição de que meu filho continue com minha tia”.

Caso estranho!

Qual seria a causa *determinante* desse repúdio ao filho recém nascido?

Num trabalho que realizamos para estudos e observações, uma entidade amiga, disse: -

Como é sublime, meu amigo, a medicina material, e como é Divina a medicina espiritual.

Ouçã: -

Em um magnífico castelo na Inglaterra, e que os séculos mal desgastaram, viviam: -

ELE – Poderoso senhor de ricas terras, levando uma vida de ociosidade, coração bom, mas pusilânime.

ELA – Esposa má, orgulhosa, no íntimo revoltada por questões de família – Moça casada com um homem já de idade, impossibilitada de usufruir de uma vida mais livre, mais alegre. -

A FILHA – Atual, naquela época, com quatro anos presumíveis entregue a uma velha aia, caiu em um precipício ficando irreconhecível.

Vendo a filha naquele estado, deu expansão à sua maldade mandando chicotear a ama que desencarnou sob o látego dos lacaios.

O filho, correndo em auxílio da mãe, também chicoteado, sendo expulso daquelas terras.

Criança ainda, em época de maldades e sentimentos menos dignos, sofreu intensamente, vagando, curtindo a sua mágoa e orfandade desencarnando muito cedo.

Em uma segunda reencarnação vamos encontrar a castelã encarnada na Áustria e casada com um rico proprietário de casas de diversões, gozando de todo o luxo e conforto.

No rico palácio começou a dar sinais de sintomas nervosos.

Rodeada de serviçais e médicos regamente pagos sofreu durante meses.

Nas suas crises de alucinações demoníacas, segundo a época, primórdios da psiquiatria, ela via o menino das suas antigas cavaliças e sentia, nas

carnes, o fogo provocado pelo látigo, com o qual ele a castigava continuamente.

Louca de dor e desespero, esgotada de tanto sofrimento, sentiu-se aproximar-se dela o espírito da aia pedindo ao filho que perdoasse.

Afastou-se, mas ela não resistindo aos sofrimentos, desencarnou já em adiantado estado de enfraquecimento pulmonar.

Em uma terceira reencarnação, após encontros e preparativos no “Espaço”, vieram à França para juntos, ressarcirem as faltas passadas.

ELA – Reencarnada em família humilde, viúva, com uma filha de três anos, a mesma filha antiga.

ELE – Antigo esposo, também viúvo, profissão humilde e tendo como filho já reconciliados o seu antigo moço de cavalaria e antigo obsessão dela.

A princípio, vidas humildes, como vizinhos se aproximaram, enquanto as crianças viviam como amigos.

Forças ocultas aproximaram os mesmos personagens, para que juntos em um lar pudessem resgatar as faltas do passado.

Tudo caminhava bem e as famílias pressentiam ali uma união futura entre os jovens.

O orgulho e a luxúria recalcados no subconsciente, ainda uma vez se fizeram sentir e ela se apaixonou por um jovem profissional passando com ele a conviver, atraída mais pela vida de luxo e conforto que ele lhe proporcionava.

Mudando de situações muitas e muitas vezes, chegou a espancar a filha que se sentia atraída por aqueles em cuja companhia se sentia tão feliz – O pai antigo e o filho da sua ama, companheiros de folguedos e passeios.

Afastou-se dos vizinhos e sempre que as forças desconhecidas os aproximavam ela não perdia a oportunidade de demonstrar desprezo, indiferentismo, mormente contra o menino no qual o seu espírito pressentia o causador da sua tortura na última reencarnação

Ainda uma vez o destino, inexorável, fez prevalecer as suas linhas mestras nos acontecimentos da vida.

Desprezada pelo amante que seguira para distantes terras, à procura de meios mais favoráveis para o seu comércio de jogo, ela se viu atirada no redemoinho da vida, sem recursos, sem abrigo, temerosos de voltar ao convívio dos seus.

Madrugada alta foi encontrada desfalecida e levada a um hospital para indigentes.

Entre a vida e a morte ali permaneceu durante meses, abandonada, isolada e sem nenhuma alma amiga, sem um coração que batesse uníssimo com o seu, proporcionando um pouco de carinho e amizade.

Sofria a tortura do abandono e do isolamento para saber o valor do perdão e da amizade.

Somente a filha recolhida em um orfanato a visitava raramente e se portava quase como uma desconhecida, incapaz de sentir e avaliar aquele estado de coisas.

O antigo vizinho encaminhado por essas forças Divinas que obrigam essas criaturas a se aproximarem para o resgate de dívidas acumuladas soube do seu estado.

Condoído para lá se dirigiu a pé, impossibilitado de tomar uma condução, levando um cesto de frutas.

Ao chegar ao quarto da enferma, a princípio desorientado, mas animado por um desejo sincero de ampará-la, entrou e ofereceu-lhe o cesto de frutas. Ela muito mal, enfraquecida, com últimos vestígios de vida, tomou o cesto e abraçando-o pôs-se a chorar.

Continuava o destino tecer as teias da reconciliação.

Triste, enferma, só e abandonada, aquela visita e aquele presente, onde se achava a essência da humildade, da simplicidade e do perdão, tocaram sua alma.

O que não se pode realizar pela compreensão e pelo raciocínio o foi pelo sofrimento como preparo prévio e pelo gesto simples, por isso mesmo valioso e significativo.

Sentindo que a vida lhes esvaia pediu ao visitante – Seu antigo esposo – Que tomasse conta de sua filha.

Morreria sossegada sabendo, de antemão que, daquele instante em diante, ela teria um pai e um irmão pobres, na verdade, mas capazes de lhe proporcionarem uma vida bem mais alegre e bem mais feliz do que a vida em um orfanato.

Com o espírito preparado naquele instante decisivo, veio agora, nessa quarta reencarnação.

O esposo, o mesmo da primeira reencarnação.

A filha, a mesma.
A tia, a antiga aia.

Faltava o antigo moço das cavaliças, o mesmo que a obsediou na segunda existência, o mesmo ainda repudiado, na terceira, mas que ela procurou reparar o seu orgulho e repúdio entregando a sua filha a seu pai – Gesto de aproximação daqueles dois espíritos por ela separados.

Desencarnada, o desejo de reparação despertou-lhe os sentimentos afetivos, certa de que o amor materno viria sublimar-se com o perdão, mas, nos preparativos da reencarnação do filho, no estado de gestação, começou a pressentir a chegada do obsessor.

Seu espírito revoltou-se a ponto de ser internada.

Uma louca.
Um caso de perturbação nervosa.
Uma neurose sim, mas a medicina dos homens, amparada por análises e pesquisas de laboratório, poderia medicar, mas ignorantes das causas e dos porquês.

Diagnóstico? Sim

Terapêutica? Sim
Causa predisponente? Sim.
Causa determinante? Não.

Porque essa somente a psiquiatria Divina poderia apontar e resolver, como foi resolvida, entregando o evangelho do senhor para iluminar a sua consciência e facilitar a compreensão das leis divinas, fazendo-a sentir a sua grande responsabilidade perante Deus e a si mesma, no seu gesto de repúdio ao filho que lhe fora confiado.

Só a sua ternura de mãe poderia devolver a saúde e a paz de consciência.

Recebeu alta amparada pelos ensinamentos do Senhor e com os esclarecimentos da terceira revelação, que determina aproximar as criaturas para que empunhem a bandeira do perdão, sem a qual as batalhas da vida se tornarão cada vez mais cruentas, provocando nas noites escuras da incompreensão os gemidos, os lamentos, cada vez mais sentidos e cada vez mais pungentes.

SOERGIMENTO DE UM MÉDICO

A vida é uma luta de sucessivas quedas e reações onde a criatura humana enfrenta continuamente os tropeços e as dificuldades por ela mesma criadas.

Milhões de leis, constituindo o código de leis de todos os países são incapazes apesar do seu rigor, de impedir o mal e conseqüentes desventuras.

Espíritos em provas, sujeitos a uma vida pontilhada de lutas e sacrifícios, se revoltam a maior parte das vezes por não suportarem o peso das provas ou se sentirem cansados, desanimados, ante a vastidão da colheita conseqüente da sementeira em vidas sucessivas.

A compreensão do código Divino, com sua única lei em substituição às milhares criadas pelos homens, por si só, seria suficiente para transformar a Terra. – *Não desejar aos outros aquilo que não se deseja para si mesmo.*

Com o alforje a tiracolo, cheios de conselhos e ensinamentos dignos, que recebemos no Espaço e cajado em punho para auxiliar a marcha no deserto da incompreensão humana, aqui voltamos para reencetar a caminhada tantas e tantas vezes interrompida.

Por vezes, sozinhos, enfrentamos as peripécias que a nossa invigilância criou.

Outras ainda, auxiliados por um ou mais companheiros melhor preparados e mais práticos, verdadeiros amigos para os momentos de desânimo e cujas palavras, conselhos, e mesmo a só presença representa o estímulo necessário e preciso para a recuperação das forças e o entusiasmo.

Essa recuperação é obtida geralmente no lar, quando a compreensão mútua e o fator da sua formação.

Obtidas por vezes fora do lar, em outros ambientes onde vamos encontrar almas afins em cuja companhia sentimos, captamos, as irradiações benéficas a beneficiar e estimular as forças psíquicas esgotadas, carregando

as células nervosas com o fluido benéfico que se desprende das almas já em estado de purificação.

Quem não possui essa fonte benéfica, onde conscientemente procura a recuperação de forças?

Um amigo, um lar acolhedor, um parente distante, um desconhecido, por vezes, e para o lado dos quais nos encaminhamos impelidos por um desejo secreto de usufruir de paz e tranqüilidade.

Assim como a providência Divina supre, com os recursos da própria natureza, a alimentação dos pássaros, assim também, proporciona as criaturas humanas, em provas, fontes de recuperação representadas por espíritos elevados, verdadeiros missionários, encarregados de encher os alforjes com o estímulo e a coragem.

Espíritos sinceros de outras existências ou almas depuradas, desconhecidas, em missão, verdadeiros auxiliares nos campos de batalha das provações, oásis junto aos quais procuramos as sombras contra o sol escaldante dos abatimentos morais e a água para refrigerar a sede provocada pelas injustiças, pelo egoísmo, pelas incompreensões humanas.

No lar, a fé ou a compreensão das vidas passadas servem de elo poderoso contra o esfacelamento, suprimindo as falhas e as revoltas, estimulando o perdão, desfazendo as incompreensões, evitando as explosões de recalques, não permitindo que venham á tona os mesmos erros e os mesmos desentendimentos que os esfacelaram em vidas passadas.

Nos conjuntos formados por espíritos em expiação e também em missões de progresso, conselheiros sábios, fiéis, ponderados e humildes, incapazes de uma ofensa, incapazes de provocar humilhações, sempre dispostos a perdoar e a estimular.

Feliz do lar onde um missionário é garantia de sustentáculo e em torno do qual os eflúvios divinos se fazem sentir.

Provas?

Teve várias existências nômades, não escolhendo profissão para poder viajar e manter-se nos vários países que percorreu, pelo diletantismo das viagens e pela instabilidade do próprio espírito.

Na Noruega, numa colônia de pobres pescadores, simpatizou por uma órfã e com ela passou a conviver após o consentimento dos tios que receberam em troca certa quantidade de mercadoria.

Foi sua companheira de viagens durante dois anos e por ele abandonada no porto de Marselha, já em estado de gestação.

Gênio terrível, mau, desconfiado, ciumento, egoísta, aos poucos foi se fazendo desprezado, porque espírito errante, não pôde suportar as impertinências, as desconfianças e o egoísmo da esposa sempre criando-lhe situações desagradáveis.

Em sua última reencarnação nos Estado Unidos, após a adolescência e mocidade de lutas e privações conseguiu um diploma de médico.

Vivia em um porão em companhia de um amigo, talvez sua única amizade sincera que conservava em sua vida nômade.

Pouco mais velho do que ele, também estudante, terminando junto os cursos, sobre ele exercia uma ascendência bastante pronunciada, verdadeiro fator para que conseguisse uma profissão.

Durante muitos anos trabalharam juntos e só se separaram porque, impelidos por forças estranhas, casou-se com a mesma que fora sua esposa em existência passada e para com a qual tinha uma dívida – Precisava ressarcir o mal que havia praticado abandonando-a, sem recursos, em uma cidade desconhecida.

Após o casamento recomeçou a vida de torturas.

Como os sentimentos são apanágios do espírito, a esposa pontilhou-lhe a vida com tormentos mais exacerbados pela intuição dos acontecimentos passados, e conselhos, intervenções amigas, ponderações, que em nada consegui modificar o gênio da esposa nem mesmo após o nascimento de uma filha.

Seguia-lhe os passos, vigiava-lhe no trabalho, perguntava, inquiria, fiscaliza ao ponto de aos poucos, provocar-lhe desorientação. Abandonou os amigos, passeios, diversões, no propósito de cumprir sua missão junto da esposa.

No hospital onde trabalhava, gozando de conceito, estima, admiração pela argúcia clínica, tinham, ele e o amigo, uma enfermeira, moça, delicada, integrada no trabalho e por todos estimada por ser criatura entregue ao campo da caridade, amparando, consolando.

Ao lado dessa enfermeira ele se esquecia da vida atormentada do lar e, sem vislumbres de propósitos menos dignos cada vez se aproximavam mais –

Ela, sentindo que ele se consumia em torturas morais, enfermo da alma, condoída, tudo fazia para retemperar seu ânimo combalido, dia a dia cuidadoso das suas obrigações.

A esposa, na sua vigilância contínua, inexorável percebeu aquela amizade e, após um escândalo tremendo, acertou a corte de um vigilante e com ele partiu para o oriente levando a filha.

Ânimo combalido, sem forças para enfrentar os acontecimentos, curvado ao peso das torturas morais contínuas, sem o idealismo de amparar o sofrimento alheio por sentir que o seu era maior ainda, aceitou a proposta de traficantes de entorpecentes procurando, na sua clínica, arrastar aqueles que o procuravam indiretamente, aumentando o número de viciados.

Aos poucos, sentindo os lucros eficientes que o novo campo de atividades lhe proporcionava, integrou-se de corpo e alma na venda de tóxicos.

Rebelando-se um dia contra os companheiros por questões de zonas comerciais, foi por eles apunhalado, temerosos de denúncias de sua parte. Recolhido no hospital onde trabalhava a tantos anos, não resistiu aos ferimentos, apesar da dedicação do amigo e da enfermeira que não se cansavam de prodigalizar-lhe cuidados e carinhos

No “*Espaço*,” como médico, sentiu o peso da sua culpa e o horror da sua nova profissão – Uma, repondo infelizes e desajustados no caminho da vida, devolvendo-lhes saúde, paz e alegria no seio das famílias - Outra espalhando desventuras, provocando misérias, esfacelando vidas e lares.

Manteve um firme propósito de em uma nova reencarnação, ressarcir o mal espalhado, com o intuito de novamente, como médico, amparar os infelizes que se entregam ao vício e aos entorpecentes.

Estimulado pelo antigo companheiro, espírito bem mais orientado e alicerçado em gestos e atitudes de elevação, e obtida a promessa de auxílio da sua enfermeira, já desencarnados, no Espaço, com o auxílio de entidades as quais se acham afetos os processos de expiação e reparação, traçam plano preciso.

Assim é que, após o estagio necessário ele reencarnou em uma rica família brasileira.

Caso interessante. Nos preparativos para sua volta a Terra estremeceu ante as responsabilidades futuras que iria assumir e para dar-lhe ânimo preciso, evitando a intervenção de forças obrigatórias, veio em companhia do antigo companheiro.

Um parto duplo. Deixando aqui, o companheiro, dez dias após voltou para o Espaço na continuação do seu estágio.

Feitos os primeiros cursos no Brasil, já adolescente, lhe afloraram ao espírito as reminiscências pregressas e, desperto para o cumprimento da missão a que se havia proposto, pediu os pais para deixá-lo continuar seus estudos nos Estado Unidos.

Após um brilhante curso, já integrado em sua nova missão como diretor-médico de um hospital especializado em recuperação de viciados, casou-se com a mesma companheira que numa existência havia abandonado e noutra fora por ela abandonado.

Por entre brigas, discussões e malquerenças, passou-se um ano mais. Para atenuar aquele ambiente, reencarnou, como primeiro filho o espírito daquele com quem a esposa abandonara o lar.

Ela mais satisfeita atenuou o seu egoísmo.

Pouco tempo depois veio o segundo filho, o mesmo que o prostrara a punhaladas.

Vieram ambos – Uma para regeneração e outro à procura de perdão.

Regeneração sim, porque o primeiro filho era um dos componentes do comércio de drogas, naquela época, e que fazia viagens constantes para o oriente, onde comprava e embarcava, clandestinamente ópio e derivados.

O segundo filho, companheiro, também pertencente ao mesmo comércio ilícito, constituindo esses dois fatores um dos motivos do seu pavor no momento de reencarnar.

Com o decorrer do tempo a tragédia do lar já se esboçava, presentindo a destruição do mesmo e, pior do que isso, provocando-lhe o mesmo desânimo, o mesmo abatimento psíquico de vidas passadas impedindo-o de prosseguir, agora, na missão nobilitante a qual já produzia frutos.

Para grandes males, poderosos medicamentos.

Intervém a Providência Divina enviando para reencarnar, a antiga enfermeira, espírito missionário, e cuja atração entre eles era derivada de ser ela a filha que jamais conhecera quando abandonou a mãe em Marselha.

Assim formado, durante muitos anos o seu lar nada mais representou do que um apartamento de um manicômio.

A esposa, com a sua perseguição, os seus olhares significativos, os seus gestos, as suas indiretas, provocando, espezinhando, envenenando, e só não chegando aos escândalos supremos por terem as condições e métodos de vida acompanhados a evolução.

Um dos filhos, antigo assassino, não olhava com bons olhos, o outro seu superior hierárquico na traficância de vícios e viviam, agora, em contínuas brigas e discussões.

Esse por sua vez, mimado pela mãe que tudo lhe facilitava, tornando-se indiferente ao estudo e ao trabalho, começando cedo às escondidas uma vida de orgias.

O pai disposta a vencer, com paciência e tolerância, mas atento e rígido aos princípios que traçara de antemão, procurava impor-se pela disciplina e pela exemplificação.

A filha vigilante, representava no lar, o escudo de encontro ao qual se amorteciam os choques provocados pelas reminiscências .

Apesar de mais nova impunha-se aos outros; aconselhava a mãe procurando refrear os seus impulsos e estimulava o pai a prosseguir na obra de recuperação à qual se entregava de corpo e alma, conseguindo um lugar proeminente na lista de benfeitores da humanidade, com o nome respeitado no meio científico de outros países.

Certo de que o esfacelamento de seu lar nada seria comparado à obra de recuperação de milhares de outros lares, soube impor-se com energia e, coadjuvado pela filha, está prestes a vencer a sua etapa terrena riscando, no livro dos apontamentos do destino, grandes parcelas de dívidas acumuladas.

Não existem no lar amor, amizade, elos que cingem almas e corações.

Existem porem, o respeito conquistado com lutas e sacrifícios e a disciplina que impõem a vigilância e conseqüente melhoramento espiritual.

O conhecimento desse caso se originou de uma carta de família.

Em determinada época, desconfiou que o filho mais velho, impelido pelas reminiscências, afirmamos nós, se enveredara pelo caminho dos vícios.

Temendo escândalo e como manifestação de força moral perante a esposa, enviou o filho a São Paulo junto dos avós.

Esses com idéias espíritas, escreveram-nos a respeito das desconfianças que os atormentavam, com pretensões, mesmo, de interná-lo uma temporada.

A conselho de “Sombras” amigas recusamos o internamento, por desnecessário, privando de ter sob nossos cuidados um dos grandes traficantes de ópio do mundo, hoje reencarnado na figura de uma adolescente, preparando-se para um curso na marinha.

Essa carta e a conseqüente recusa por parte dos amigos espirituais, despertou-nos a curiosidade e, daí, mais uma observação para o relato dos acontecimentos de um lar formado por um médico, ambiente onde as demonstrações nervosas e atos de desequilíbrios mentais requerem o auxílio da psiquiatria.

Foram os especialistas humanos e materialistas que ampararam aquela família, permitindo que chegasse quase ao temo da jornada?

Não.

Foi sim, a Psiquiatria Divina, que conhecendo as necessidades de um espírito missionário enviou-lhe como salvaguarda, como estímulo e amparo um outro missionário na figura da filha, permitindo a aquisição de força moral precisa para a conservação do seu e reerguimento de milhares de outros lares que a sua imprevidência havia destruído com as granadas do vício.

Sim a psiquiatria divina em cujos papiros milenários ciosamente guardados nos arquivos imensos do infinito, se podem folhear as páginas dos fichários individuais com as características dos sentimentos de cada um e onde os atos anotados representarão o roteiro para os futuros empreendimentos.

Onde esse laboratório?

O acesso é através das portas dos túmulos que continuam a vedar, aos olhos da ciência, o campo imenso da reencarnação, base imprescindível para sua orientação e o seu progresso.

Aqui fazemos o ponto final.

Bastam por hora estas observações, pois outras virão com o tempo, à proporção que se fizerem sentir as oportunidades.

Para os de boa vontade e para aqueles que não vivem com a consciência e o raciocínio entorpecidos pelo dogmatismo, elas serão suficientes para mostrar que os homens não são criaturas fadadas a uma só existência, para sofrer, pois a vida terrena é quase só sofrimento e o criador Supremo, na

Sua Sabedoria e Onisciência, não lançaria seus filhos, injustamente numa vida de dores e sofrimentos.

A Reencarnação é a única solução razoável para a grandeza, a justiça e o poder de uma inteligência suprema!

Vemos o presente, mas não vemos o passado – Porém, o pressentimos através de nossos próprios atos e através de nossas próprias provações...

“As intoxicações psíquicas” que vão dominando o espírito se faz sentir quando qualquer desequilíbrio da matéria permite que elas se extravasem.

São os próprios espíritos que relembrando vidas passadas e revendo os inimigos, mesmo através do escafandro da carne, revoltam-se contra eles; requerem doutrinação dos seus próprios egos, fazendo auto-atuação psíquica – Procurando despertar no seu próprio espírito, as boas ações, abnegação e bondade.

A liberdade intelectual não pode continuar sob o poder do despotismo e do dogma.

Precisa libertar-se.

As trevas do passado, trevas produzidas pela bíblia deturpada e fantástica, precisam ser iluminadas para se compreender a harmonia das leis da natureza

O milagre não existe.
Tudo se explica.

NASCER, MORRER & RENASCER

Assim como o organismo humano, carne, ossos, músculos, artérias, veias, - Todo o conjunto é formado de células, assim, também, os *lares*, representam as células para a formação do conjunto terreno.

Distúrbios nas células orgânicas acarretam, também a inquietação nas cidades, desassossego nos estados, distúrbios morais e financeiros para um país, e esse de um modo geral no planeta.

As idéias guerreiras de um povo produzem inquietação geral, no mundo.

O Brasil *Coração do mundo pátria do evangelho* pela grandeza das almas do seu povo tem sido a *Canaã* para onde aportam verdadeiras falanges de espíritos, para em novas reencarnações se entregarem ao esforço produtivo para o resgate de dívidas passadas.

Povo simples, bom, ordeiro, sem lutas de classes e de cores, proporciona um ambiente melhor, onde esses peregrinos do Espaço vêm por contacto, receber os fluídos benéficos da tolerância e da humildade.

Na sua intimidade existem milhões de peregrinos que vieram, como enfermo da alma, para se depurarem e se engrandecerem sob os vossos cuidados e se espelharem nas vossas exemplificações.

Fazei tudo para que gestos, palavras, olhares, e indiretas não venham se transformar-se em fagulhas destruidoras, reavivando o fogo dos desentendimentos de vidas passadas, contribuindo para o seu desequilíbrio e conseqüente inquietação do lar.

Esforçai-vos para o entendimento mútuo porque ele representa a barreira contra as influências deletérias que se infiltram em toda parte.

Repeli as insinuações malévolas, produtos da inveja, ciúmes e ambições que contaminam e que degradam, afogai as mágoas; afastai as queixas contínuas, desnecessárias e que enervam; tende a paciência precisa e

necessária para esperar pelo amanhã, dando prazo para que as névoas da revolta se dissipem, afastados pelas brisas benéficas da ponderação.

Lembraí-vos de que existem dívidas a resgatar entre uns e outros; não vos esqueçais de que, filhos e parentes não foram postos debaixo do mesmo teto por acaso ou circunstâncias da vida presente.

Em todos existem laços de afinidades passadas ou fluidos que se repelem e precisam ser fortificados ou transformados para que a peregrinação em futuras vidas sucessivas seja mais suave e tranqüila.

A calma, a ponderação, a paciência são sustentáculos para a tranqüilidade presente e para a paz futura.

Analisai as vossas palavras, e antes de proferi-las atentai para as conseqüências que delas poderão advir.

Palavras e atos impensados, não medidos, são produzidos pela tinta indelével dos ímpetos recalcados e que só se apagam da mente, por vezes após vidas sucessivas estribadas no carinho sincero e nas verdadeiras demonstrações de amizade

Vigilância com os vossos lares!

As antenas do mundo terreno e espiritual vivem atentas, captando as irradiações produzidas em vossas vidas conjuntas.

Se boas, terão respostas precisas, traduzidas em irradiações benéficas para maior reforço do entendimento.

Se más, receberão, também, perfeitamente identificadas, as ondas destruidoras enviadas por aqueles que se comprazem com o mal, arrebanhando outros infelizes, na expectativa de que, repartidas, suas mágoas e seus desesperos possam ser atenuados.

Ao lado de vossos rádios não procurais estações cujas ondas vos proporcionem prazer, horas de sadio entretenimento, recusando aquelas que não vos aprazem?

Vossas vidas, em conjunto no lar, também dependem das estações Espaço que vosso desejo apraz sintonizar.

Falanges do bem captam emitem ondas de amparo e favorecimento.
Falanges do mal captam ondas destruidoras.

No lar formado pelo destino, juntos dos vossos filhos, tudo fazei para que ele seja verdadeiro oásis, onde através do deserto da incompreensão e nas noites escuras e tempestuosas das provações possam todos encontrar o descanso e o amparo, para um novo dia, mais refeitos, encorajados e providos de meios de subsistência valiosa, possam retomar a viagem, reencetando a longa caminhada para países distantes onde reinam a paz, a felicidade, sustentáculos do trabalho construtivo.

VILIGÂNCIA COM OS VOSSOS LARES.

Os distúrbios nervosos são fatores de desequilíbrio de um lar, para uma nação, para o Mundo Terreno.

Constituem a preocupação máxima para o corpo médico de qualquer parte, requerendo cuidados constantes, por parte dos governos.

Os sanatórios especializados vivem repletos e, em maior número ainda, perambulam pelas ruas ou vivem isolados, em casa, por falta de amparo.

Numerosas causas concorrem para esses desequilíbrios – Causas perfeitamente aceitas e estudadas.

A principal todavia, ainda não é aceita e pesquisada pela psiquiatria humana porque o convencionalismo religioso ainda é fator para perturbar a caminhada, e névoa a toldar a sua vista, fazendo com que se desorienta no Dédalo imenso do sofrimento humano.

Essa causa é a *Reencarnação*.

Sem os recursos por ela oferecidos, a traça da incompreensão e dos desentendimentos continuará a sua destruição lenta e inexorável, corroendo os lares – célula mater da nação e do mundo terráqueo, requerendo cuidados contínuos para a manutenção do seu alicerce sempre ameaçado da tranqüilidade e do bem-estar.

Reencarnação – Eis o tratado onde a psiquiatria encontrará as causas e os medicamentos necessários para a glorificação da sua luta, nos dias de hoje, sustentada pelo Espiritismo que, qual padioleiro Divino, vai arrebanhando no campo da luta das provações, os que tombam vitimados pelo cansaço, pelo desespero e pela revolta.

O que no momento não pode ser oferecido pelos laboratórios humanos, é provido pelos laboratórios do “Espaço” nos quais os fluidos do sofrimento e da dor, elaborados nas suas retortas, são transformados e devolvidos em fluidos luminosos que, iluminando as consciências levam o homem a conhecer a sublime verdade.

NASCER, MORRER E RENASCER

*“Quando você nasceu, recebido no lar
Todos riem e só você chora
Viva de forma que quando você desencarnar,
Todos chorem e só você ria.”*

